3 1761 07047936 5

PQ
9261
G58N7
1857

LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO - PORTUGAL - TELEF. 25988

150

NOVA CASTRO,

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES JUNIOR.

Nova Edição

CORRECTA DE MUITOS ERROS, E AUGMENTADA COM A BRILHANTE SCENA

da

COROAÇÃO.

PORTO.
Typographia de Sebastião José Ferreira.

1857.

PQ
9261
G58N7
1857

NOVA CASTRO,

TRAGEDIA.

NOVA CASTRO,

TRAGEDIA

DE

JOÃO BAPTISTA GOMES JUNIOR.

Nova Edição

CORRECTA DE MUITOS ERROS, E AUGMENTADA COM A BRILHANTE SCENA

DA

COROAÇÃO.

PORTO: 1857.

NA IMPRENSA DE SEBASTIÃO JOSÉ FERREIRA,
Rua de Santo Eloy n.os 26 a 30 — aonde se vendem.

ACTORES.

D. Affonso IV	Rei de Portugal.
D. Pedro	Principe.
D. Ignez de Castro.	
D. Sancho	Mestre do Principe.
Coelho	Conselheiros.
Pacheco	
D. Nuno	Camarista do Rei.
O Embaixador de Castella.	
Elvira	Aia de D. Ignez.
Dois Meninos	Filhos de D. Pedro, e D. Ignez.

A Scena é em Coimbra n'uma Sala do Palacio, em que reside D. Ignez.

A acção começa ao romper do dia.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA I.

IGNEZ, E ELVIRA.

Ignez. (1) SOMBRA implacavel! Pavoroso Espectro!
Não me persigas mais... Constança! Eu morro (2).
Elvira. — Que afflicção!.. Que delirio!.. Oh Deos!
Senhora...
Ign. (3) — Onde está... onde está o meu Esposo?...
Elv. — O Principe, Senhora, inda repousa,
Tudo jaz em silencio: tu sómente,
Negando-te ao socego, attribulada,
N'este Paço, ululando, errante vagas?
Que dôr acerba o coração te rasga?
Que sonhadas visões assim te anceam?
Ign. — Contra Ignez se conspira o Ceo, e a Terra (4).
Té das campas os mortos se levantam
Para me flagellar: continuamente
Negros fantasmas ante mim volteam...
Que horror!... Oh Ceos!... Agora mesmo, Elvira,

---

(1) Ignez entra na Scena delirante, e horrorisada.
(2) Assenta-se desfallecida.
(3) Ainda fóra de si, e atemorisada.
(4) Levantando-se.

Debuxados na mente inda diviso
Os medonhos espectros, que, girando
Em torno de mim, me assombraram.
Surgir vejo Constança do sepulchro,
Que em furias abrazada a mim caminha...
Relampagos fuzilam, treme a terra...
Eis que lá dos abysmos arrojados
Impios Ministros da feroz vingança
No peito agudos ferros vem cravar-me:
Debalde agonisante o Esposo invoco...:
Proferido por mim seu doce nome
Exacerba os furores de Constança,
Que á morada dos mortos me arremessa.
Oh do crime funestas consequencias!...
Desgraçados mortaes!

Elv...... E póde um sonho...

Ign. — Não é um sonho, Elvira, são remorsos.

Elv. — Devem elles acaso inda ralar-te?
Não bastou Hymenêo a suffocal-os?
Ah! Se antes que os seus laços te cingissem,
Succumbiste do amor á paixão cega,
Assaz tens expiado este delicto,
Delicto mais que todos desculpavel.

Ign. — Uma alma como a minha jámais julga
Ter assaz expiado seus delictos:
Embora do Hymenêo os sacros laços
Agora o meu amor licito façam,
Este amor foi no crime começado.
Mirrada de pesares, sim, foi elle,
Quem despenhou Constança no sepulchro,
Constança, essa Princeza desgraçada,
Que, a não ser eu, talvez fosse ditosa,
Talvez, do Esposo amada, inda vivesse;
Eu fui a origem dos seus males todos;

Trahi sua amizade, fui-lhe ingrata,
Sua rival, oh Ceos! assassinei-a.
Oh crime involuntario! Horrendo crime!
Tuas iras são justas, sim, Constança;
Arrasta-me comigo á sepultura,
Acaba de punir-me, e de vingar-te...
Mas ah! Que digo!... Não... poupa-me a vida,
Nella a vida do Principe se int'ressa:
Tu não has de querer envenenar-lh'a:
A morte não, não póde certamente
A paixão extinguir de que morreste;
Mesmo lá do sepulchro inda o adoras...
E talvez compassiva me desculpes.
Quem melhor do que tu conhecer deve,
Que aos affectos de Pedro, aos seus extremos
Humanas forças resistir não podem?
Se tu, sem ser amada, tanto o amaste,
Deixaria eu de amal-o sendo amada?
Sabe o Ceo quanto tempo em viva guerra,
Contra o meu coração lutei debalde:
Quantas vezes chamando em meu soccorro
A virtude, e a razão... auxilio inutil!
Emmudece a razão quando amor falla.
Triumphar de paixões iguaes á minha...
Os miseros mortaes não podem tanto...
Que profiro infeliz? Até blasfemo!...
Perdôa, Summo Deos, ao meu delirio:
A meu pesar, Senhor, fui criminosa;
Porém tua Justiça adoro, e temo.

Elv. — O Ceo é justo, Ignez, o Ceo te absolve:
Tua alma, onde murou sempre a virtude,
Tem por graves delictos leves faltas;
Tranquilliza, Senhora, os teus sentidos.
Modera as afflicções.

Ign...... Em breve a morte
A's minhas afflicções virá pôr termo.
Elv. — Oh Ceos! Na primavera de teus annos,
Engolfada em fataes, loucos pesares,
Tu propria buscas terminar teus dias,
Sem que ao menos te lembres que depende
Da tua vida a vida do Consorte;
Que uma lagrima só que tu derrames,
Se o Principe jámais a divisasse,
Seria de sobejo a envenenar-lhe
O terno coração, que afagar deves!...
Se neste estado agora elle te achasse,
Em que estado sua alma ficaria?
Por seu amor, te rogo, enxuga o pranto,
As afflicções desterra, em que sossobras.
Ign. — Oxalá que podesse desterral-as!
Mas buscarei ao menos reprimil-as,
Porque não participe o caro Esposo
Dos males, dos horrores que me cercam.
Embora o Ceo me opprima, e me castigue,
Entorne sobre mim suas vinganças;
Porém sobre elle só prazeres mande:
O seu socego, mais que o meu, desejo:
A fim de lhe mostrar alegre o gesto,
A que esforços me não dou continuamente?
Para o não affligir... ah! Quantas vezes
Calco, suffoco dentro do meu peito
Afflicções, que no peito me não cabem!...
Quantas vezes, sumindo-se a seus olhos,
Dos meus ao coração recúa o pranto!
Más ah, que os meus pesares, meus martyrios,
Quanto mais os escondo, mais se azédam,
Nem podem já ter fim senão co'a vida.
A qualquer parte, oh Ceos, que os olhos mande,

Motivos d'afflicção sómente encontro.
Do passado a lembrança me horrorisa,
E do futuro a idéa me intimida:
Contra mim conspirada a intriga, a inveja,
Sobranceiras as iras d'um Monarcha,
Tudo me vai cavando a sepultura:
O coração m'o diz.

Elv...... Elle te illude:
Que pódes tu temer, quando enlaçada
Ao mais digno dos Principes do Mundo,
Ao melhor dos mortaes que os Ceos formaram,
O seu braço invencivel te defende?
Em vez de recear sonhados males,
Olha os immensos bens, a fausta sorte,
Que propicio futuro te apparelha;
O Lusitano Solio, que te espera;
O respeito, o amor dos Portuguezes,
A gloria de imperar sobre este povo,
A quem teme, e venera o Mundo inteiro...
Tudo, tudo, Senhora, te promette
Permanentes venturas: nada temas.

Ign. — Essas mesmas quimericas venturas,
Esses bens illusorios, que me apontas,
Justos motivos são dos meus temores.
Oxalá que D. Pedro não tivesse
Um Throno por herança que offertar-me!
Então fôra eu feliz, passára a vida
No regaço da paz, e da alegria:
Não haveria então quem se oppozesse
A' perpetua união das nossas almas;
Nem barbara policia empecêra
De nossos ternos corações a escolha:
Um do outro na posse, ambos ditosos,
Aos transportes d'amor sem susto entregues,

Rodeados dos tenros, caros filhos,
Sem ter que desejar, o Throno excelso,
Todos esses fantasmas da grandeza
Nem uma vez sequer nos lembrariam;
Mas o fado não quiz...

Elv..... ..... Ahi vem D. Sancho.

Ign. — Que motivo o conduz a procurar-me?
Venero as suas cãs, e o seu caracter;
Como elle, junto aos Reis, acham-se poucos.

SCENA II.

D. Sancho, Ignez, e Elvira (1).

Sanc. — O Ceo n'este lugar faz que eu te encontre:
E' preciso, Senhora, com franqueza
Mostrar-te os imminentes precipicios,
Que só tua virtude evitar póde.
O Principe despresa os meus conselhos,
Meus rogos não attende, nem já céde
A's lagrimas d'um velho que aprecia,
Mais do que a propria vida, a sua gloria:
D'um velho, que incumbido de educal-o,
Sempre a núa verdade ante os seus olhos
Tem feito apparecer, buscando sempre
Afastar-lhe a lisonja dos ouvidos,
Esse das Côrtes pessimo veneno,
Que os corações dos Principes corrompe.
Seu caracter violento, caprichoso,
Agora por amor mais inflammado,

(1) Elvira, logo que D. Sancho entra na Scena, retira-se para o fundo d'ella, e pouco depois desapparece.

Já não deixa dobrar-se ás minhas vozes;
Cégo resiste aos Paternaes preceitos;
E' necessario pois que a obedecer-lhe
O resolvas tu mesma. Bem conheces
Do inflexivel Affonso o genio iroso.
Já tres vezes o tem chamado á Côrte,
Sem que D. Pedro cumpra os seus mandados,
Nem queira pesar bem os seus ameaços:
Muito do Rei severo temo as iras,
Por crueis Conselheiros atiçadas:
Vendo talvez do filho a rebeldia,
Se esqueça de que é Pae. Cumpre, Senhora,
Que atalhes as funestas consequencias,
Que podem resultar da pertinacia
Em que o Principe insiste: que o convenças
A beneficio seu, e em tem proveito,
A cumprir sem demora os seus deveres:
Eu sei que na sua alma pódes tudo,
E das virtudes tudo espero.
gn. — O teu zêlo, candura, e probidade
Assaz louvo, e respeito. Não te enganas
Em suppôr-me capaz de emprender tudo,
Inda mesmo arriscando a propria vida,
Para chamar D. Pedro aos seus deveres;
Não tem sido por falta de lembrar-lh'os,
Que elle ás ordens de um Pae tem resistido.
(Tu, não menos do que eu, seu genio sabes)
Nem attender-me quer quando lhe imploro,
Que á Côrte vá lançar-se ás Regias Plantas.
Todavia, D. Sancho, eu te prometto,
Que não hão de cessar as minhas instancias:
Embora, longe d'elle, Ignez saudosa,
Ao furor dos seus émulos exposta,
Venha talvez a ser victima triste

De insidiosa politica: antes quero
Morrer, do que lembrar-me que sou causa
De que o Principe falte aos seus deveres.
Sanc. — Quem nutre em si tão nobres sentimentos,
Inda sendo opprimida, é venturosa.
Zombou sempre a virtude da desgraça:
Debalde a emulação, armando a intriga,
Conspira contra ti: mas é preciso
Seus designios frustar: sim....
Ign ..... Eis D. Pedro.
Sanc. — Queira o Ceo que o convenças! Eu vos deixo.

SCENA III.

D. Pedro, e Ignez.

Ped. — Quanto são vagarosos, cara Esposa,
Os poucos melancolicos momentos,
Que distante de si saudoso passo?
Só ao teu lado, Ignez, socêgo encontro,
Não existe senão quando te vejo.
Ign. — Quanto me adoras sei, Principe amado;
Mais terno cada vez, mais extremoso,
As tuas expressões meu pranto excitam;
Porém d'amor agora não tratemos:
Bradando estão deveres mais sagrados
Que preencher te cumpre: antes de tudo
Tenho, Esposo, um favor que supplicar-te:
Negar-mo-has tu, Senhor?
Ped ..... Ignez, que dizes?
Tu, que tens na minha alma todo o imperio,
Ah! Pódes duvidar que eu te obedeça?
Ign. — Pois bem, Senhor, attende á tua Esposa,
Ouve meus rogos, e a meus rogos céde:

Se tu só junto a mim socêgo encontras,
Tambem só junto a ti socêgo eu tenho;
Porém quer o destino, o dever manda,
Que te apartes de mim por algum tempo.
ed. — Apartar-me de ti? Oh Ceos! Que escuto!
Apartar-me de ti? Castro é quem falla?
gn. — He Castro, sim, Senhor, aquella mesma,
Que préza mais que tudo a tua gloria;
Aquella, cujo brio não tolera,
Que seja o terno amor, que lhe consagras,
Motivo de infringires teus deveres.
Bem o sabes, Senhor, em nenhum tempo
Procurei ardilosa fascinar-te:
Cedi ao teu amor, porque te amava,
Porque em ti divisei uma alma terna,
Alma que o Ceo formou para encantar-me,
De todas as virtudes adornada.
Agora pois te cumpre conserval-as,
E a mim não consentir que as abandones:
Eu de mim propria assaz me horrorisára
Se visse que as perdias por amar-me.
Não, Principe querido, eu te supplico
Por este mesmo amor que a ti me prende,
Que á Côrte sem demora te dirijas,
Onde teu Pae, talvez já fatigado
De te chamar em vão, te espera ancioso.
Obedecer aos Paternaes preceitos
E' lei da Natureza, é lei sagrada;
Cumpril-a deves: vai...
ed..... Basta: Eu conheço
Quaes meus deveres são, e sei cumpril-os;
Sei que é devida aos Paes a obediencia;
Mas igualmente sei que tem limites
A paternal, sagrada authoridade.

Tenho pensado bem no que obrar devo:
Justos motivos, que não sabes inda,
Exigem que eu não cumpra as Regias ordens.
Obedecêra a um Pai, se Pae tivera...
Mas eu não vejo mais do que um tyranno
N'esse que o ser me deu...

Ign...... Senhor, suspende:
E' teu Pae; muito embora cruel seja;
Tu deves respeital-o, e obedecer-lhe.

Ped. — Se quer que lhe obedeça, e que o respeite,
Não me imponha preceitos deshumanos,

Ign. — Não prometteste ha pouco á tua Esposa
Conceder-lhe o favor que te pedisse?

Ped. — Vê pois quando não posso comprazer-te,
Se terei razões justas que me estorvem
De obedecer a um Pae!

Ign...... Não póde havêl-as.

Ped. — Tyrannos... que nos julgam seus escravos! (1)
Para nos flagellar o ser nos deram!

Ign. — Tu me fazes tremer.

Ped...... Sabe em fim tudo.
Affonso, e o Monarcha de Castella
Acabam de firmar a nova alliança,
Em que sem meu consenso contractaram,
Qu'eu daria a Beatriz a mão de Esposo:
Para este fim á Côrte sou chamado.
Affonso, não contente da violencia
Que ao meu coração fez, quando forçado
De rôjo me levou ante os altares
Para unir-me a Constança em laço eterno,
Pezado laço, que rompeu a morte;
Não contente de haver sido o motivo

---

(1) Sem attender a Ignez, transportado.

De... Mas que digo? Não, ah! não foi elle;
Eu em lhe obedecer fui o culpado:
Que desenfreie agora as suas iras;
Que rogue, que ameace; mesmo quando
Em secreto Hymenêo não estivessem
Ligadas para sempre nossas almas,
Debalde intentaria submetter-me
A um jugo que a vontade recusasse,
Reconheço porém que a pertinacia,
O despotico orgulho de seu genio,
Sem que attenda senão ao seu Tractado,
Quererá que por força o desempenhe.
Não convém descobrir nosso consorcio;
E outra escusa qualquer que eu fosse dar-lhe,
D'irrital-o inda mais só serviria.
Agora julga pois se partir devo.
Se me devo ir expôr, talvez... quem sabe!
A faltar-lhe ao respeito inteiramente...
Mas tu choras?... Que vejo!... Acaso temes?...
gn. — Nada temo por mim, por ti só temo:
Sim quando vejo sobranceiros males,
Por desditoso amor originados;
Quando vejo engrossar a tempestade,
Que me denota proxima ruina;
Nem por isso me assusto: o que me afflige,
E' vêr um Pae, um Reino, e o proprio Esposo,
Tudo por meu respeito alvorotado.
Em situação tão ardua, e tão penosa,
Te chego a desejar... (infeliz Castro!)
Que o sacrosanto nó que a mim te prende,
Este laço tão doce, e desejado,
Dos bens o maior bem que Ignez possue.
A ser possivel, hoje se rompesse,
Só porque tu podesses livremente

Obedecer a um Pae, fazer ditosos
Por um feliz consorcio dois Imperios.
Muito embora Beatriz te possuisse...
Mas que digo? Ai de mim! Nos braços d'outra!...
Nos braços d'outra vêr o amado Esposo!
Ah! não... não posso tanto, antes a morte.

Ped. — E' teu meu coração, será teu sempre.
Os laços de Hymenêo são as mais debeis
Prizões que a ti me ligam. Quando amamos,
Desnecessarios são ritos, promessas:
Mais força tem amor que os juramentos.
Inda que ante os altares sacros votos
De permanente fé, de amar-te sempre
Não tivesse a teu lado proferido,
Seria sempre teu, sempre te amára;
Sem que jámais podesse força humana
Separar corações, que amor uníra.

Ign. — Mas que, talvez em breves sopeados,
Aos golpes da politica succumbam.

Ped. — Para lhe resistir basta o meu braço.

Ign. — O teu braço, Senhor, só deve armar-se
Para emprezas mais dignas do teu nome:
No lance melindroso em que nos vemos,
Convém, mais que os furores, a brandura;
E apesar das razões que ponderaste,
Julgo que deves dirigir-te á Côrte;
Pois talvez, se não corres a embargal-os,
Teu Pae avance os começados passos
Para as nupcias da Infanta de Castella,
Na esperança de ser obedecido,
E a ponto chegue que depois não possa...

Ped. — Sem lhe dizer porque, já fiz saber-lhe,
Que taes nupcias jámais celebraria.

Ign. — Mas não fôra melhor...

SCENA IV.

D. Pedro, Ignez, e D. Sancho.

Sanc. . . . . . Senhor: ah! corre,
Vem esperar teu Pae.
Ign. . . . . . Oh Ceos!
Ped. . . . . . Que dizes?
Sanc. — Dirigido a Coimbra em veloz marcha
Partio da Côrte Affonso, aqui não tarda.
Ign. (1) — Agora sim, minha desgraça é certa.
Ped. (2) — Meu Pae? oh Ceos!. . meu Pae!
Sanc. . . . . . Coelho, e Pacheco,
Seus crueis Conselheiros, o acompanham:
Toda a Côrte, Senhor, em sobresalto
Ficou co'esta partida inesperada:
Mendonça que ligeiro vem trazer-te
A importante noticia, assim o affirma:
Murmura o Povo já de recusares
As nupcias de Beatriz, que applaudem todos.
Ped. — Murmure muito embora, embora venha
Armado de poder, ardendo em raiva,
Da vingança, e das furias escoltado,
Esse a quem por meu mal devo a existencia;
Que, se intentar comigo ser tyranno,
Ha de em seu filho achar um inimigo
Capaz dos mais tremendos attentados;
Que em casos taes os crimes não são crimes,

(1) Fallando comsigo mesma.
(2) Pensativo, e admirado.

São forçoso dever das almas grandes.
Esperal-o não vou.
Sanc ..... Senhor, que fazes?
Ped. — O que me apraz fazer.
gn..... ..... Oh Ceos! Nem posso
Das tuas expressões horrorisada,
Soltar do coração tremulas vozes:
Fallem por mim as lagrimas que choro .
Não me consternes mais. Ah! vai, não tardes;
Vôa a encontrar teu Pae, se vêr não queres
Estalar de afflicção a tua Esposa.
Ped. (1) — Eu vou satisfazer-te, sim, eu parto;
Vou rasgar do segredo a cauta venda:
Saiba, sim, saiba Affonso antes que chegue
Estes sitios a entrar, que Ignez habita,
Que a deve respeitar como Princeza;
Que inquebravel prisão a Ignez me liga (2).
Sanc. — Oh Ceós! Não faças tal, melhor discorre;
Para lhe revelar um tal segredo
Occasião mais opportuna espera:
A cólera azedar não vás de Affonso;
No transporte cruel das suas iras,
Bem sabes que é capaz...
Ped..... De que? De nada?
Mais de mim, do que eu d'elle, tremer deve...
Se ousasse contra Ignez... Ah! nem pensal-o.
Para vingar o seu menor insulto
Seria pouco todo o sangue humano.
Ign. — Bem me dizia o coração presago...
Meu mal é sem remedio; o proprio Esposo
E' quem vai despenhar-me no sepulchro.

---

(1) Depois de ficar um pouco pensativo, diz resoluto.
(2) Em acção de partir, e D. Sancho retendo-o.

Meus crueis inimigos não me assustam:
O popular tumulto, um Rei severo
Nada temo, ai de mim! a ti só temo.
Ah! Lembra-te, Senhor, do que juraste
Antes de conduzir-me ás sacras Aras,
Onde eu te não seguira, se primeiro
Tu me não promettesses guardar sempre
O devido respeito ao teu Monarcha,
E a paz não perturbar dos seus dominios:
Tu não has de faltar, o tempo é este,
Que eu já previa então: oh caro Esposo!
Lança do coração fataes transportes;
Não percas tempo, vai, corre a prostar-te
Aos pés do grande Affonso; mas submisso,
Ao beijar de teu Pae a mão augusta,
Sobre ella de teus olhos chova o pranto.
Pondera que te perdes, que me perdes
Se com elle furioso practicares;
Só nos póde salvar docil brandura:
Se não queres matar-me, sê submisso
Ped. — O temor de affligir-te póde tudo.
Respeitoso serei, terei brandura,
Se elle brandura igual usar comigo.
Nada temas, Princeza: adeos. Eu juro
Pelos Ceos outra vez, e por ti mesma,
Que inda que o Mundo inteiro se me opponha,
Castro ha de ser de Portugal Rainha (1).
Ign. — Não te apartes, D. Sancho, do seu lado:
Moderem teus conselhos teus transportes.
Sanc. — Dai forças, justos Ceos, ás minhas vozes,
Lançai a Portugal piedosas vistas.

---

(1) Parte.

SCENA V.

IGNEZ só.

Que temor, infeliz! de mim se apossa! (1)
Caro Principe!... Esposo!... oh Deos, quem sabe
Se a vêr-te tornarão inda os meus olhos.
Vai, ó Castro, abraçar-te aos caros filhos,
E entrega-te nas mãos da Providencia.

ACTO SEGUNDO.

SCENA I.

D. AFFONSO, E D. PEDRO.

Af. — BASTA, Principe, basta: prescindamos
De justas arguições, de escusas futeis;
Não quizeste ir, vim eu. Quero esquecer-me,
Perdoar quero mesmo as tuas faltas,
Uma vez que obediente hoje as repares.
Concluam-se estas nupcias proveitosas,
Que para teu prazer, e a bem do Estado,
Prudente contractei. Verás com gosto,
Quando Lisboa entrares a meu lado,
Com quanto regosijo o Povo todo,
Teu consorcio applaudindo, a festejal-o
Com pompa jámais vista se prepara.

---

(1) Sem poder despregar os olhos do caminhó que tomou D. Pedro.

Que doçura não é para os Monarchas,
Espalhar alegria entre os Vassallos!
Vêl-os mandar ao Ceo ardentes votos,
Pela conservação da Regia Prole,
Que lhe segura a paz, a dita, a gloria!
Vêr que as suas acções o Povo approva,
E contente abençôa o seu Reinado,
Curvando-se de grado ao leve jugo,
Que sómente os máos Reis fazem pesado!
Mil graças dou aos Ceos, pois satisfeito
Julgo estarão de mim os Lusitanos.
E nada mais desejo que deixar-lhes,
Em meu filho, outro eu, que sempre os ame,
E que por elles seja sempre amado.
Começa desde já n'este consorcio
A firmar o seu bem. Sim, hoje mesmo
Deves partir comigo para a Côrte,
A fim de o celebrar, logo que chegue
A Infanta de Castella, digno objecto
Que escolhi para Esposa de meu filho.

Ped. — Ah! que seja possivel, por meu damno,
Que o melhor dos Monarchas do Universo,
Igualmente não seja o Pae mais terno!
Que um Rei, que desvelado buscou sempre
Fazer os seus Vassallos venturosos,
Queira fazer seu filho desgraçado!...
Contractares, Senhor, sem consultar-me
Um consorcio, ignorando se teu filho
Póde, ou quer d'Hymenêo ás leis cingir-se!
Se essa, que lhe destinas para Esposa,
Póde ao seu coração ser agradavel!
Acaso julgas tu desnecessaria
A minha approvação para estas nupcias!
Não será livre um coração ao menos

Na escolha d'uma Esposa, que amar deve...
Ah! Não queiras, Senhor, com tal violencia...
Af. — Emmudece, insensato; não prosigas
Indignas expressões que me envergonham...
Bem conheço a razão porque assim pensas.
Que indignos sentimentos, que fraqueza,
Para quem deve um dia ser Monarcha!
Como, quando do Imperio as rédeas tomes,
Quando na mão a espada formidavel
Da severa Justiça sustentares,
Das paixões punirás o torpe effeito,
Sendo tu proprio das paixões escravo?
Como jámais serás obedecido,
Se tu mesmo ao teu Rei desobedeces?
Com quanta repugnancia os Portuguezes,
Murmurando, verão no Luso Solio,
Que de tantos Heroes tem sido assento,
Um Rei dado ás paixões, affeminado,
Incapaz de empunhar o Sceptro augusto!
Ped. — Mas capaz de os reger, e defendê-los,
Se das grandes paixões sou susceptivel.
A molleza detesto, bem o sabes:
Quanto cumpre, Senhor, em campo armado;
Ensinado por ti, brandindo a espada
Sei por acções mostrar que sou teu filho;
Nem para ser bom Rei (Senhor, perdôa)
Eu julgo necessario uma alma dura;
Mas antes me persuado não devêra
O que fosse insensivel reger homens.
Corações que á ternura se não rendem,
Jámais sabem carpir alheios males;
Nem doêr-se das lagrimas do afflicto.
Af. — Apagada a razão, cégo deliras;
Isentos de paixões os Reis ser devem;

Manam dos seus os publicos costumes:
Se exemplificam mal os seus Estados,
Os vicios dos Vassallos são seus vicios;
Devem sacrificar os seus desejos;
Ser comsigo crueis a bem dos Povos,
Que o Ceo lhes confiou; e os que se ensaiam
Para lhes dar as Leis, devem mostrar-se
Capazes d'estes nobres sacrificios.
Os consorcios dos Principes são obra
Dos interesses do Estado, elles decidem,
Elles dispõe de nós. Deixem-se ao vulgo
Caprichosos melindres com que exige,
Que os laços d'Hymenêo amor presida.
As doçuras de amor para os Monarchas
São de pouca valia: a nossa gloria
Não se firma em tão fracos alicerces.
Ped. — Se aos que devem reinar é necessario
Ceder dos Privilegios, dos direitos
Que a Natureza deu aos homens todos;
Por tal preço, Senhor, não quero o Throno!
Laços formar, que o coração repugna,
Origem de desgraças, e de crimes...
Assaz o expr'imentei... grilhões tão duros,
Por tuas mãos lançados, longo tempo
Com bem custo arrastei... Supportar outros...
Ah! Não, Senhor, não posso.
Af. ..... Temerario!
Basta já de soffrer um filho ingrato.
Se aos rogos, ás razões de um Pae benigno
Tu não queres ceder, cede aos preceitos
De um Monarcha severo, e justiçoso.
Eu dei minha palavra, has de cumpril-a:
Os tractados dos Reis não são falliveis:
Debalde pois te oppões...

Ped..... Mas ah! Pondéra...
Af. — Tenho em fim decidido. Acaso queres,
Deixando de cumprir o meu Tractado,
Entre os Povos soprar horrenda guerra?
Queres vêr Portugal nadando em sangue?
Contra nós conspirada a Europa inteira,
Abraçando o partido de Castella,
Vir vingar sua injuria? Ah!...
Ped..... Que receias?
Portugal vencedor, nunca vencido,
Zombará do poder do Mundo inteiro.
Tão ousada será, tão nescia a Hespanha,
Que contra nós se atreva a mover guerra?
Não ha de inda lembrar-se o seu Monarcha,
Que te deve os Dominios que possue?
Que ha bem pouco, cercado de inimigos,
Vendo nas mãos o Sceptro vacillante,
Mandou a propria Esposa, filha tua,
A implorar-te que fosses soccorrêl-o,
Ou antes sobre o Throno sustental-o?
E que do filial pranto commovido,
Não contente em mandar-lhe tuas tropas,
Tu proprio á testa d'ellas generoso
Quizeste ir debellar seus inimigos,
E segurar-lhe a C'rôa na cabeça?
Ha de offender quem soube defendêl-o!
Quem póde, apenas queira, aniquilal-o?
Não; quem vio pelejar, ao teu commando
Nas margens do Salado os Portuguezes,
A atacar Portuguezes não se atreve;
E se a tanto chegar a sua insania,
A' maneira dos seus antepassados,
Chorando o opprobio de ficar vencido,
Caro lhe custará seu louco arrojo.

Oxalá que elle á guerra nos convide!
Poderia teu filho então mostrar-te,
Que te sabe imitar quando é preciso,
Novos louros cingindo ao teu Diadema.
Af. — Que desatino! Oh Ceos!... Eu me envergonho
De te haver dado o ser: de te ouvir tremo...
Tristes Vassallos meus, amados filhos,
Que Monarcha vos deixo sobre o Throno!
Tu desejas a guerra? Esse flagello,
Que envergonha, e devasta a humanidade;
O capricho dos Reis que importa aos Povos?
Ouve as lições de um Pae, posto que iroso
Só devêra tractar do teu castigo.
Eu não posso deixar quando te escuto,
De reprender-te, ó filho, e de ensinar-te:
Talvez por ti mandado á sepultura,
Bem depressa no Throno me succedas;
Não te esqueças então dos meus dictames:
Poupa o sangue dos miseros Vassallos,
Do mais infimo d'elles préza a vida
Outro tanto que a tua; teme a guerra,
Que ao proprio vencedor sempre é funesta:
No meio do triumpho os bons Reis choram.
N'essa mesma tão célebre batalha,
Que julgas me cingio de louro eterno,
Quando juncavam do Salado as margens
Os montões de cadaveres sem conto
De infieis derrotados inimigos;
Por perder trinta só dos meus soldados,
Muito cara julguei esta victoria,
E. dentro de mim proprio recolhido,
Mais pranto derramei, do que elles sangue.
Os Reis devem ser Paes de seus Vassallos;
Nada mais que o seu bem deve importar-lhes..

Elle exige estas nupcias, que te ordeno;
Suas vozes escuto, e não as tuas.
Já te disse que dei minha palavra,
E torno a dizer que has de cumpril-a,
Affonso é teu Monarcha: mando, e basta.
Hoje mesmo comigo para a Côrte
Vê que deves partir, vai preparar-te.
Ped. — Teus passos seguirei, porém debalde...
Celebrar o consorcio que pretendes...
Quizera obedecer-te, mas não posso...
Sem que te diga mais, assaz te digo.

SCENA II.

D. Affonso só.

E' possivel, oh Ceos, que assim meu filho
Temerario resista aos meus preceitos!...
Que cegueira! Que arrojo! E' necessario
Desarreigar-lhe d'alma por violencia
A funesta paixão que o traz de rojo:
Mas de que modo?. . Cumpre medital o...
Seja em fim como fôr, desempenhado
Meu Tractado ha de ser o ingrato filho,
Em vez de um Pae benigno, um Rei severo
Ha de encontrar em mim. Oh lá, D. Nuno (1).

SCENA III.

D. Affonso e D. Nuno.

Nun. — Que me ordenas, Senhor?

(1) Chamando.

Af. . . . . Os Conselheiros
Vai chamar. . . mas espera, ahi vem Pacheco.

SCENA IV.

D. Affonso, Pacheco e D. Nuno.

Af. (1) — Quem tal dissera, amigo! Eu me envergonho
Sómente de o pensar: o iroso aspecto
De um Monarcha, de um Pae, razões, ameaços
Nada bastante foi: ousa o rebelde
A's nupcias recusar-se, aos meus preceitos;
Mas ha de obedecer-me, aos Ceos o juro.
Os meios estudemos, que efficazes
A sua contumacia vencer possam:
Se necessario fôr, inexoravel,
Rigoroso serei.
Pach. . . . . Dever funesto
E', Senhor, na verdade, o de um Vassallo,
Que fiel ao seu Rei, bem que sensivel,
Na precisão se vê de supplicar-lhe,
Que suffoque a piedade, e que castigue. . .
Mas o int'resse do Estado, e mais que tudo
O decoro do Throno assim o exigem.
De incorrupta lealdade claras provas
Eu protesto dar sempre ao Rei, e á Patria,
Longe de desculpar, porque é teu filho,
Do principe a paixão, funesta origem
Da sua contumacia; com franqueza
Direi meus sentimentos, sem que possa
Tolher-me as expressões o temor justo

(1) D. Affonso se dirige a Pacheco, e D. Nuno se afasta para fundo da Scena.

De perder o favor, de ser odiado
De um Principe que adoro, e que respeito.
Se queres que teu filho te obedeça,
Corta a indigna prisão que maniatado
O coração lhe traz, e que o estorva
De entrar em seus deveres: pune, extingue
Esse objecto fallaz que a alma lhe encanta:
De contrario, Senhor, serão baldados
Outros meios quaesquer que projectares.

Af. — Seja punida, sim, seja punida
Mulher que tantos males origina;
Que impera mais do que eu, e que se atreve
A usurpar-me do filho a obediencia.
Seu crime... Mas que digo!... Por ventura
Não é meu filho mais culpado qu'ella!
Serei eu parcial punindo Castro,
Sem que seja igualmente castigado
Quem deve mais do que ella ser punido?

Pach. — O Principe é teu filho, tanto basta
Para ser absolvido, e desculpado:
A condição d'Ignez é mui diversa.

Af. — Não puno condições, puno delictos.
Antes de tudo interrogal-a devo.
D. Nuno, chama Ignez (1). Ouvil-a quero,
Sondar seu coração; depois veremos
Se é digna de castigo.

Pach . . . . . Ah! Se attenderes
Suas vozes, Senhor, suas escusas,
Por seu astuto pranto subornado,
Deixarás por piedoso de ser justo.
Quem foi capaz de fascinar o Filho,
Póde o Pae fascinar. Arte impostora

(1) Parte D. Nuno.

A peitos feminis amor suggere:
Quando as abraza criminosa chamma,
Negam as expressões o que a alma sente,
E c'o auxilio das lagrimas convencem.
Attende, attende só ao bem do Estado,
Ao exemplo que deves ao teu Povo,
Que, murmurando já, talvez se azede
Se vir que em nova guerra o precipita
Do Principe a paixão escandalosa.
Não soffrerá Castella a grave affronta
De ser, do seu Tractado em menoscabo,
Por teu filho Beatriz repudiada:
E o consorcio D. Pedro não celebra,
Sem que até da lembrança Ignez lhe afastes.
Atalha em quanto pódes tantos males:
Muitas vezes punir é ser piedoso.
If. — Tu me fazes entrar nos meus deveres.
Para me resolver a castigal-a
Basta o bem do meu Povo que me lembras.
No coração de um Rei digno do Throno,
Se os int'resses do Estado a voz levantam,
Compaixão, amizade, natureza,
Tudo, tudo, emmudece. Exterminada,
Em remota clusura Ignez reclusa,
Da presença do Principe se afaste:
Não torne a vêr meu filho essa que o céga,
Em quanto, da razão accêso o facho,
As tochas de Hymenêo arder não faça;
E se isto não bastar, mão lançaremos
De outro mais efficaz, duro remedio.
Pach. — Não bastará talvez; por mais que seja
Recatado, e remoto qualquer sitio,
Que para o seu desterro escolher possas,
Lá mesmo irá teu filho arrebatal-a.

Eu calo o mais que sinto, e só te lembro
Que a quereres com ella ser piedoso,
Poupando-lhe um maior, justo castigo,
De Portugal ao menos a desterres.
Occasião, Senhor, tens opportuna
De envial-a ao Monarcha de Castella,
Que zeloso da filha no decoro,
Guardará providente em segurança
A rival que se atreve a disputar-lhe
O coração do Principe. Este arbitrio
Segue pois, se te apraz, bem que inda o julgo
Para tão grande mal remedio fraco.
Af. — Seguirei teu conselho; porém antes
Já de brandura usando, já de ameaços,
Quero tentar o coração de Castro;
Vêr se a posso mover a que ella mesma
As chammas que accendeu apagar busque...
Mas ella para aqui já se encaminha.

SCENA V.

D. Affonso, Ignez, Pacheco, e D. Nuno (1).

Ign. — Eu desfalleço... Oh Ceos... Excelso Affonso
Permitte que a teus pés Ignez prostrada... (2)
Af. — Levanta-te, ardilosa. Não é digna
De beijar a Mão Regia uma vassala,
Que a perpetrar se atreve altos delictos.
Ign. — Eu perpetrar delictos! Quaes são elles?

---

(1) Pacheco afasta-se para o fundo da Scena, logo que Igne se chega ao Rei, e D. Nuno que a conduz se retira.
(2) Prosta-se aos pés do Rei

Fiel sempre ao meu Rei, vassalla humilde,
Ignoro em que offendesse a Magestade.
Af. (1) — Além de criminosa, inda impostora!...
A fallaz artificio em vão recorres.
De sobejo sciente do teu crime,
Tua simulação mais me enfurece:
Ousarás tu negar que amas meu filho?
Ign. — Não, Senhor, a negal-o não me atrevo...
Nem, por mais que eu quizesse, poderia
Deixar de confessar o que os meus olhos,
O rubor de meu rosto assaz te explicam:
Sim, se é delicto, amar, e ser amada,
Meu coração, Senhor, é criminoso...
Mas eu não sou culpada.
Af...... .... Que proferes?
Se confessas tu mesma o teu delicto,
Dizes não ser culpada?
Ign...... Sou ingenua.
Em chamar-me impostora te enganaste:
Tenho-te dito assaz... e mais dissera,
Se licito me fosse.
Af...... Acaba, dize:
Que cegueira fatal, que louco arrojo,
Vãs, altivas idéas te inspiraram?
Como intentaste ousada ter imperio
No coração d'um Principe! Não vias
A distancia empinada, inaccessivel,
Que do teu berço vai ao Throno excelso?
Ign. — Quando amante paixão nos predomina,
Offuscada a razão, a ninguem lembram
As distincções fataes do berço, e sangue.
São iguaes ante amor os mortaes todos:

(1) Contemplando-a iroso.

De virtude sómente se enamora
Uma alma virtuosa: só virtudes
Convidaram Ignez a amar teu filho.
Af. — E atreves-te a fallar inda em virtude?
Não profanes palavra tão sagrada;
Antes dize que estólida esperança,
Avidez de reinar, te fez culpada.
Talvez da minha já cançada vida
Contando os longos importunos dias,
Te tardava o momento suspirado,
Em que, baixando Affonso á sepultura,
Vazio o Throno, aos teus desejos franco,
Te cingisse o Diadema a indigna fronte.
Ign. — Que injustiça!... Minha alma não conheces,
Não conheces de amor o desint'ressé:
Quem ama, só deseja ser amado.
E a par de um coração como o de Pedro
Os diademas que são? Que vale o Mundo?
Quem de seu terno peito o imperio obteve,
Mas imperio não quer: nem se deslumbram
As almas grandes c'o esplendor do Throno.
Quando o amor succumbi do Solio estava
Mais longe que o meu berço a minha idéa;
Por isso não medi como devêra
A declive distancia que os separa:
Mas hoje a vejo assaz, e mais deploro
A condição do Principe, que a minha;
Quizera que tivesse antes nascido
Vassallo o meu amante, que eu Princeza:
Longe de o cubiçar, detesto o Throno:
N'elle diviso só barreira odiosa,
Que entre peitos sensiveis sorte adversa
Alçou para que nunca unir-se possam...
Sei que sou infeliz... e o serei sempre.

lf. — Pódes inda evitar maior desgraça;
Quem logo que o conhece o crime atalha,
A innocencia recobra. Extingue, ó Castro,
As criminosas chammas que sopraste;
Quanto são detestaveis não ignoras,
E bem vês que nutril-as mais não pódes.
Antes pois que do Principe te afastes,
(A tão graves delictos leve pena,
Que um benigno Monarcha te destina)
Teu completo perdão merecer busca.
Tu mesma de seus erros o dissuade,
E o convence a cingir-se aos dignos laços
Do plausivel consorcio que lhe ordeno:
Concorre para o publico socego,
Em vez de o perturbar: não exacerbes
Pertinaz eu teu crime as minhas iras.
Teme o castigo atroz de que és credora,
Se ao coração do Principe as que urdiste
Prisões abominaveis não desatas.
rn. — Muito exiges de mim!... Ah! Se eu podesse
As algêmas romper que nos vinculam,
Só por te obedecer (crê-me) o fizera:
Mas como n'um momento arrancar posso
Do peito de teu filho sentimentos,
Que amor, e sympathia originaram?
Para sempre deixar a terna amante,
E subito ir lançar-se em braços de outra!...
Se elle tivesse uma alma tão voluvel,
Por amal-o increpada eu não seria?
Que proferí?.. Deliro... Oh Ceos... Perdôa...
Perdôa-me, Senhor, talvez o tempo...
Extinguir poderá... Não sei que digo.
lf. — Basta: emmudece já, mulher soberba.
De sobejo em tua alma tenho entrado,

Ousas alardear, ante mim proprio,
Do mais nefando crime! Ah! que castigos
Bastarão a punir teus attentados!
Tudo quanto ha de horrivel...

SCENA VI.

D. Affonso, Ignez, Coelho, e Pacheco.

Coel. ..... De Castella
Embaixador chegou, que audiencia pede.
Af. — Entrar póde.

SCENA VII.

D. Affonso, Ignez, e Pacheco.

Af. ..... Retira, atrevida;
De meus olhos te afasta; vai, que em breve
Te serão minhas ordens intimadas.
Ign. — Humilde, e respeitosa hei de cumpril-as.
Mas só te rogo que, antes de punir-me,
Te dignes sem paixão sondar meu crime;
Pois se pezares bem os delictos,
Espero que me julgues desculpavel (1).

SCENA VIII.

D. Affonso, e Pacheco.

Pach. — Que insolente altivez ostentar ousa!

---

(1) Retira-se Ignez, e D. Affonso fica pensativo, em quan Pacheco falla.

Eu te lamento ó Rei, quando te vejo
Na dura precisão de repellires
Da tua alma os impulsos compassivos,
Constrangido a punir asperamente,
Para evitar terriveis consequencias.

SCENA IX.

. Affonso, Coelho, Pacheco, e o Embaixador.

mb. — A filha do meu Rei, que te saúda,
Já dos Dominios teus piza as fronteiras;
Mas o boato geral de que teu filho,
Por violenta paixão allucinado,
De Beatriz ao consorcio se recusa,
Aos ouvidos chegou do meu Monarcha,
Que me ordena te diga, e te assegure,
Que se com tal repulsa, em seu desdouro,
O Tractado solemne fôr violado,
(O que elle espera) dignamente
Saberá sustentar a toda a força
O decoro da filha e do seu Throno.
f. — Dize da minha parte ao teu Monarcha,
Que para dissipar seus vãos receios,
Bastaria lembrar-se que os Reis Lusos,
Fidelissimos sempre, seus Tractados
Sabem desempenhar não porque temam,
Quaesquer que sejam, estrangeiras forças;
Mas por dever, por gloria, e por costume.
E para lhe mostrar como procedo,
Hoje mesmo destérro de meus Reinos,
E á sua guarda entrego Ignez de Castro,
Que ella julga estorvar da Infanta as nupcias.
Pódes certificar-lhe, que consorte

Ha de meu filho ser da filha sua.
Emb. — Nem era de esperar que um Rei tão sabio
Procedesse jámais d'outra maneira.
Prompto vou expedir ao meu Monarcha
A plausivel resposta, que lhe envias.

SCENA X.

D. Affonso, Coelho, e Pacheco.

Af. — Sem demora, Pacheco, apromptar faze,
Para Ignez conduzir, segura esculta:
Vai, Coelho, dizer-lhe que se apreste:
Partirá hoje Ignez para Castella,
E meu filho comigo para a Côrte.
Coel. — Oxalá que assim seja! Mas duvido.
Em castigar avaro em demazia,
Além de ser, Senhor, simples desterro
Aos delictos de Ignez pena mui leve;
Receio que de horriveis attentados
Seja origem fatal este projecto
Fôra talvez melhor lançar mão logo
Dos efficazes, ultimos remedios.
Eu conheço o caracter de teu filho:
Mal souber que roubar-lhe Ignez intentas,
Dos filiaes deveres esquecido,
Com braço armado, têmo que se atreva
Contra seu proprio Pae.
Af. ..... Nem tal profiras:
Não faças a meu filho essa injustiça:
De tão feio attentado basta a idéa
Para me horrorisar. Ide ligeiros
Fazer que as minhas ordens se executem.
Ah! Se alguem se atrevesse a contravil-as,

Seu tremendo castigo serviria
De memorando exemplo ao Mundo inteiro.

ACTO TERCEIRO.

SCENA I.

IGNEZ só.

MISERANDA!.. Que trance!.. Oh desventura!...
Oh sentença cruel!.. Venceste, ó Fado.
Aprazíveis lugares, testemunhas
Do mais ardente amor, ah, para sempre
A malfadada Ignez de vós se aparta...
Quanto fôra melhor, quanto mais doce
Deixar a vida, que deixar o amante!...
Que!.. Eu... deixar o amante?.. Oh caro Esposo!..
Oh Ceos! podeis mandal-o, ou permittil-o?
Sereis tambem crueis como os humanos?
Condemnareis os mesmos, que soprastes,
Sentimentos d'amor, da Natureza?
Para um castigo tal quaes são meus crimes?
Se me queres punir, Deos de vingança,
Os raios tens nas mãos, accende os raios,
Meu terno coração reduze ao nada;
Mas d'outro coração, a que o ligaste,
Separal-o jámais... Ah! nem tu mesmo,
Nem tu, que pódes tudo, tanto pódes...
Que proferes, blasfema! Aos Ceos te atreves?
Oh virtude! Oh razão! Desamparaes-me?..

Onde, Ignez, onde está tua constancia?
Aos teus deveres torna, entra em ti mesma.
Orgão do Ser Supremo, um Rei te ordena,
Que do Esposo te apartes; não resistas;
E' força obedecer; enfrêa n'alma,
Suffoca as afflicções, cala os queixumes·
Co'as desgraças os crimes não mistures:
Mas deixal-o!... Ai de mim... Deixal-o!.. Agora
Agora é que eu conheço as furias todas,
Toda a força d'amor: elle triumpha
Da razão, da virtude, e dos Ceos mesmo.

SCENA II.

IGNEZ, E ELVIRA.

Elv. — Senhora... (Ai triste!.. o pranto me suffoca!
Se é certo que impias ordens te condemnam
A deixar Portugal, a triste Elvira,
Que protestou viver, morrer comtigo,
Sempre junto ao teu lado, a qualquer parte
A que te arroje a sorte, ha de seguir-te:
Confio que esta graça me concedas.
Ign. — Ah! Não venhas juntar aos meus pezares
O quadro da amizade consternada:
Para esmagar-me o coração sensivel
Bem basta amor, a Natureza basta.
Não posso resistir a tantos males,
Aos golpes da saudade que retalham
Da attribulada Ignez o peito afflicto.
Mais pranto com teu pranto não me arranques,
Que a um terno coração inda mais custam
As lagrimas que move, que as que verte.
E' mesmo o ser amado um bem funesto

Que exacerba a desgraça aos desgraçados.
Elv. — E' possivel haver almas tão duras,
Que um tão sensivel coração flagellem!...
Mas ah!... Porque aos pezares succumbimos?
D. Pedro é teu Esposo; elle ha de oppôr-se
Defensor poderoso em teu soccorro;
Ha de frustar da tyrannia as ordens;
N'elle pois confiemos: a excital-o
Bastarão tuas lagrimas...
Ign...... ..... Que dizes!
Que terrivel idéa me despertas!
Em vez de confortar-me, vens, Elvira,
Abater-me a Constança, aconselhar-me
A que contra seu Pae revolte um Filho?
Ah! Não... Embora Ignez infeliz seja:
Mas nunca origem de rebeldes crimes;
Amortecida já, mas inda accêsa
Brilha a luz da razão dentro da minha alma.
Não consintas, oh Ceos, que amor a apague;
Fortalecei meu peito. Sim, eu devo,
Eu devo submetter-me ao meu destino:
Cumpram-se as duras leis do duro fado:
Amargurada irei longe do Esposo
Acabar entre as garras da saudade...
Porém os caros filhos... Ah! comigo,
Comigo os levarei doces penhores
Do mais constante amor, sereis ao menos
Na minha adversidade terno allivio...
Entre os meus braços sempre, sempre unidos
Da inconsolavel Mãe ao peito anciado,
Cobertos de caricias, de suspiros,
Banhados com meu pranto, em seus semblantes
O semblante verei do Esposo ausente.
Aprenderão de mim... Mas ah! Que digo!..

Quereria eu acaso, associando
Ao pavoroso horror do meu destino
O destino dos filhos innocentes,
Tolher sua ventura?... Não; entregues
De seu Pae os desvelos, abrigados
A' sua sombra fiquem; lembrem-lhe elles
A miserrima Ignez continuamente ..
O retrato da Mãe nos filhos veja,
Que eu memorias do Esposo não careço;
No coração gravada a sua imagem,
Ante os meus olhos sempre ha de seguir-me
Ha de em quanto viver, viver comigo,
E comigo baixar á sepultura.

SCENA III.

D. Pedro, Ignez, e Elvira (1).

Ped. — Ignez, querida Esposa... Mas que vejo!..
Debalde buscas enxugar teu pranto:
Aos olhos de um amante nada escapa.
Impressas no teu rosto bem diviso
As afflicções, que o coração me partem.
Que motivo... Mas devo eu perguntal-o?
Não sei assaz a origem dos teus males?...
Eu sou, sim, sou eu mesmo o teu flagello:
Mas o teu defensor, o teu Esposo:
Nada receies pois, nada te afflija...
Porém as tuas lagrimas se dobram?
Oh Ceos!...

(1) Ignez, apenas vê D. Pedro, busca enxugar as lagrimas. Elvira afasta-se para o fundo da Scena, e pouco depois se retira.

gn...... Amado Esposo, não repares,
Não te afflijas co'as lagrimas que choro:
As tuas expressões, tua presença
Aggravam minha dôr, meu pranto augmentam.
Ah! pelos tristes olhos sahir deixa
Meu coração em lagrimas desfeito.
ed. — Antes em borbotões todo o meu sangue
Eu quero vêr correr, do que o teu pranto.
De tua alma desterra vãos temores,
Extermina os pezares, não succumbas
A males transitorios que se opprimem.
Os caprichos do Fado, a desventura
Calcaremos aos pés: sim, cara Esposa,
Sempre unidos seremos venturosos.
gn. — Unidos dizes tu?.. Oh Ceos!.. Unidos?..
ed. — Pois quem, quem poderia separar-nos?
gn. — O rigor... Ai de mim! Que vou dizer-te?...
Que raio a triste Ignez vai fulminar-te?..
Poupar teu coração, oh Ceos, quizera;
Porém eu a deixar-te não me atrevo,
Sem que te diga adeos... Ah! caro Esposo!
Aperta-me em teus braços, e recebe
As minhas derradeiras despedidas.
ed. — Que escuto!.. Que acontece?.. Ignez,
que dizes?
gn. — Para sempre de ti vou separar-me.
ed. — Separar-te de mim!
gn...... Atroz conflicto!...
Caro Principe, Esposo, não te esqueças
Da desditosa Ignez... Mas ah! Que digo!
Esquece-me se pódes; sê ditoso;
Vive, vive feliz. Eu só te rogo,
Que dos queridos filhos te encarregues;
Que afagues sua infancia, que os ampares,

Que os defendas da inveja, da impiedade:
Não cogites de mim, d'elles só cuida,
E' forçoso ceder ás leis do Fado:
Longe de ti, mirrada de saudades,
Vou exhalar meus ultimos suspiros.

Ped. — Oh desesperação! Que idéa horrivel
Surge dentro em minha alma! Acaso (eu tremo!)
Atrever-se-ha meu Pae...

Ign ... :..... Aos seus preceitos
Obedecer devemos: intimados
Me foram já: de Portugal banida,
Partir devo hoje mesmo para Hespanha.

Ped. — Oh furias! E' possivel? Rei tyranno,
Não levarás avante os teus projectos...
Nem elle, nem os Ceos, nem os Infernos
Poderão arrancar-te de meus braços.
Desenganal-o vou, parto a fallar-lhe:
Trema o cruel de mim, se não revoga
A barbara sentença.

Ign..... Oh Ceos! Que fazes?

SCENA IV.

D. Pedro, Ignez, e D. Sancho.

Sanc. — Teu Pae, Senhor, te busca: tudo prestes
Para voltar á Côrte... Mas que vejo!
Elle mesmo é que vem.

Ped..... Querida Esposa,
Retira-te, eu t'o rogo... Nada temas.

Ign. — Eu me retiro, sim; mas só te imploro,
Que te lembres que és filho, e que és vassallo.

Ped. — Mas Esposo tambem, que é mais que tudo.

SCENA V.

D. Affonso, D. Pedro, e D. Sancho.

Af. — Então, quem n'estes sitios te demora?
Eia, segue-me já.
Ped. ..... Quem, eu!.. Seguir-te?..
Abandonal-a! Não, não te obedeço.
Af. — Que escuto, oh Ceos!
Ped. ..... Inda não disse tudo,
Attende-me, Senhor: é necessario
Declarar-me comtigo; o véo se rasgue;
E' tempo, é tempo em fim que me conheças.
Entra em meu coração desesperado,
De virtudes capaz, capaz de crimes,
Se a crimes o excitar a tyrannia.
Sabes que adoro Ignez, e projectavas
Roubal-a ao meu amor? Que infernal furia
Te aconselha a punir uma innocente,
Que é só culpada, se a virtude é crime?
E esperavas acaso que eu podésse
Covarde tolerar seu menor damno,
A injustiça maior, sem defendel-a,
Sem oppôrme aos designios da impiedade?
Eu fòra dos mortaes o mais abjecto.
Se deixasse opprimir...
Af. ..... Ah! Não prosigas:
Emmudece, rebelde. Não sei como
Reprimir possa a cólera... Que arrojo!...
Ousas tu murmurar dos meus Decretos?..
Ped. — Não só murmuro, atrevo-me a frustal-os.
A razão, e os Ceos mesmos me authorisam.
Defendendo a minha Esposa.
Af. ..... A tua Esposa!...

Ped. — A minha Esposa, sim. Sabe que os laços
Do sagrado consorcio a Ignez me ligam.
Intentarias pois inda opprimil-a?...
Af. — Não julgues illudir-me: não te creio:
A tão subtil ardil em vão recorres.
Que! Esposa de meu filho uma vassalla!...
Ped. — Uma vassalla, sim, para quem fôra
Do Mundo todo o Imperio inda pequeno:
Não duvides, Senhor. Que encontras n'ella
Que indigna de teu filho julgar possas?
Eu não quero fallar do regio sangue,
Que, dos teus ascendentes derivado,
Lhe circula nas veias: outros dotes
Mais bellos, mais sublimes a ennobrecem:
Vassalla, a quem os Ceos prodigios deram
Todas as perfeições que os Ceos dar podem,
Para ser do teu filho digna Esposa,
Ser filha de Monarchas não precisa.
Se Ignez é virtuosa, que lhe falta?
Quem mais digna do Throno que a virtude?
Mas dos seus predicados prescindamos.
Castro é minha Consorte, tanto basta:
E' Princeza, por tal a reconhece,
E o decoro lhe guarda de que é digna.
Af. — Sim, tractada será como merece ..
Brevemente o verás.
Ped. ..... Olha o que fazes...
Não queiras constranger-me inexoravel
A perpetrar horriveis attentados:
Se como Pae benigno, e Rei clemente
Praticares comigo, has de em mim sempre
Encontrar um Vassallo respeitoso,
E um filho obediente; mas se acaso
Insiste em roubar-me a cara Esposa,

Um mortal inimigo em mim contempla,
Que cégo, furioso, e desesp'rado,
Sem attender senão aos seus transportes,
Será capaz de horrendos sacrilegios.
Evitando-os, atalha uma injustiça:
Revoga pois a barbara sentença.
Af. — Sim, por outra mais justa, revogada
(Descança) ella vai ser. Espadanando
Ha de em teu coração da infame o sangue
As chammas apagar que te devoram.
Ped. — (1) Primeiro que a seu peito a ferir chegues,
Hão de ser-me as entranhas arrancadas:
Ha de em os rios correr todo o meu sangue...
E o teu sangue tambem, se fôr preciso.
Af. — Oh Ceos!.. Tremo de horror!
Sanc...... Senhor, que fazes?
Ousas contra teu Pae?
Ped...... Ah! Que proferes?
Pae? Eu tenho inda Pae?.. (2) Não, não, tyranno,
Tu meu Pae já não és: não sou teu filho...
Um cruel como tu... Porém que digo!...
Com quem fallo?.. Onde estou? Quem me arrebata!
O inferno, as furias todas me espedaçam...
Quem falla não sou eu, trovejam ellas...
Sacrilego!.. que fiz!..
Af...... Ceos, estaes surdos!..
Onde os raios estão, que inda não chovem
Sobre um monstro que tanto os desafia?
Vingança!.. Maldições! ..
Ped...... Tudo mereço.

---

(1) Desesperado.
(2) A D. Affonso, no mesmo frenetico arrebatamento.

Ah! Se os Ceos inda immoveis não fulminam,
E' talvez que, assombrados de escutar-me,
A desprender os raios não se atrevem.
Debaixo de meus pés tremendo a terra,
Quer abrir-se, e não ousa devorar-me...
Até mesmo os abysmos se horrorisam
De um monstro, que soltou tantas blasfemias...
Oh terror!.. Oh remorsos!.. Crime horrendo!..
Mas sabe o Ceo, Senhor, que, involuntarias,
Não teve o coração parte nas vozes,
Que por meus labios despejou o Inferno...
O Inferno todo, que no peito encerro.
Não me julgues capaz... Porém que digo!..
Infeliz!.. Desculpar-me intento ainda?..,
Horror da Natureza, e de mim proprio,
Nem me atrevo, Senhor, a supplicar-te
O perdão... Não, eu d'elle não sou digno.
Do pezo da existencia me allivia;
Vinga da Natureza as leis sagradas,
O respeito devido á Magestade,
Que atropellei feroz: eterno exemplo
Tu deves dar em mim ao Mundo inteiro.
Salpicadas de sangue estas paredes.
Que ouviram minha voz blasfemadora,
Aos seculos vindouros apregoem
Meu lastimoso fim: ao vêl-as tremam
As gerações futuras de imitar-me (1).
Eis-me a teus pés prostado; vibra o ferro;
Eis meu peito, retalha-o: não te lembres
Que foste já meu Pae... sou delinquente:
Lembra-te só que és Rei, castiga o crime.
Porém... ah! não flagelles a virtude...

---

(1) Prosta-se aos pés de Affonso.

Se me deves punir como culpado,
Ignez como innocente absolver deves.
Não me custa morrer; porém não posso,
Não posso consentir que Ignez padeça...
Nem ha de padecer em quanto eu viva.
Pertender separar-nos é debalde;
Té duvido que a morte possa tanto... (1)
Releva ao meu amor estes transportes... (2)
Eu sou sensivel... amo... e sou amado.
If. — Todos os meus sentidos perturbados,
Cheio de ira, e de horror... nem fallar posso..
Afastem-me da vista esse rebelde...
Ao proximo Castello conduzido,
Seja em prisão segura aferrolhado:
Sua guarda, D. Sancho, eu te confio;
Em quanto justiçoso, inexoravel,
Em Conselho d'Estado não decido
Qual ser deva o castigo de seus crimes,
E o supplicio da infame, que os motiva.
Treme do meu furor, malvado, treme:
Este dia talvez, dia horroroso!
Será na longa serie das idades,
De eterno espanto a Portugal, e ao Mundo.

SCENA VI.

D. Pedro, e D. Sancho.

Ped. — Inda mais horroroso do que pensas
Certamente será, se não desistes
De tão crueis designios. Que impiedade!

(1) Tornando em si.
(2) No tom mais pathetico.

O supplicio d'Ignez! Da minha Esposa!
Como posso deixar de rebellar-me?
Como evitar um crime necessario,
Que o dever, e a ternura me prescrevem?
Um crime disse?.. Ah, não; longe os remorsos;
Defender uma Esposa não é crime;
Crime fôra deixal-a ao desamparo.
Longe, maximas vãs, leis oppressivas,
Que a tyrannia impoz sobre a ignorancia.
Nada se deve aos Paes pela existencia:
Os desvelos depois, seus beneficios
São os titulos só que lhes conferem
A' nossa obediencia um jus sagrado.
Meu coração revoga os seus direitos:
Arrependo-me só de arrepender-me
Pelos ter justamente sustentado.
Querias, Rei cruel, aferrolhar-me
Em segura prisão, para a teu salvo
Me poderes roubar a cara Esposa?...
Debalde o projectaste, não...
Sanc...... Deliras?..
Que intentos são os teus?.. Resistir queres
A's ordens de teu Pae, que enfurecido...

SCENA VII.

D. Pedro, D. Sancho, e D. Ignez.

Ign. — Esposo, que fizeste?... Oh Ceos, eu tremo!...
Da tua voz medonha horriveis eccos
Inda n'estas abobadas retumbam;
De furor suffocado, o rosto em fogo,
Affonso espavorido, a longos brados
Chama pelos atrozes Conselheiros.

Certamente, faltando-lhe ao respeito,
Lhe exacerbaste as iras. Que fizeste?
ed. — Menos inda talvez do que devia.
Não te importe o que fiz, faze o que digo.
As furias não receis do tyranno;
Vai subito buscar os tenros filhos,
E dispõe-te a seguir-me.
gn. ..... Como!.. Aonde?
ed. — Deixemos estes sitios, onde imperam
A discordia, a injustiça, a iniquidade.
Evitemos o extremo dos horrores,
Acompanha-me, Esposa, se não queres
Vêr-me inda parricida.
anc. ..... Oh Ceos!
gn. ..... Que insania!
Ah! Que dizes? Que intentas?
ed. ..... Defender-te,
E possuir-te em paz; poupar-me ao crime.
A tua vida, Ignez, ameaçar ousam;
Affonso pertendia encarcerar-me,
Talvez para ordenar o teu supplicio:
Atreveu-se a dizer-m'o: é necessario
Fugir-lhe; ou repellir com braço armado
Seus barbaros disignios: eia, vamos,
Não te demores mais.
gn. ..... Eu desfalleço!..
Desgraçada!... Onde queres conduzir-me?
ed. — Se necessario fôr, ao fim do Mundo:
A meu lado segura, em qualquer parte
Seremos venturosos; êrmas grutas,
Morada simples de prazeres puros,
Mais gratas nos serão que aureos palacios,
Habitação fatal dos males todos.
gn. — Que me propões, Senhor! A voz me falta...

Sanc. — Ah, Principe! Contempla o precipicio
Em que vás despenhar-te, e a que me arrastas
Responsavel por ti...
Ped...... A nada attendo (1).
Pódes tambem, querendo, acompanhar-nos.
Sim, eu te rogo, vem... De cãs coberto
Tens conhecido assaz o ar pestilente,
Que nas Côrtes costuma respirar-se,
Hálito venenoso, que derramam
A traidora lisonja, a fraude, a intriga,
Que em torno aos Solios quasi sempre giram.
Longe de tanto horror, ah, vem ao menos
Gozar em paz o resto de teus dias.
Sanc. — Feliz eu, se hontem fosse o derradeiro!
Ah! Querias que proximo ao sepulchro
Fosse ao meu Rei traidor? Que concorresse
Para um tal desatino?... Eu, que incumbido
Da tua educação (funesto emprego)
Por elle mesmo fui, socio seria
Em teus crimes, soffrendo que infringisse
Teu dever!...
Ped...... Qual dever? Futeis chimeras!
O primeiro dever é ser ditoso,
E' seguir d'alma o natural instincto.
Vamos, querida Ignez.
Ign...... Oh Deos! Que trance!..
Frenetico... ai de mim!.. Que premeditas?
Teu nome, tua gloria offuscar quéres?
Seria a triste Ignez tão desgraçada,
Que, origem de teus crimes, tolerasse
A infamia de te vêr por seu respeito

---

(1) Para D. Sancho.

Patria abandonar, e o Throno excelso?...
h, que diria o Mundo...
ed..... Que diria?
Que o esplendor do Solio não deslumbra
Uma alma como a minha. Eu nada perco
Em deixal-o por ti, não, cara Esposa;
Vale mais ser feliz, que ser Monarcha.
n.—E póde ser feliz quem atropella
Da sociedade as leis, do sangue as vozes?
Ah! Desiste, Senhor, de teus projectos;
Obedece ao teu Rei: jámais esperes.
Que eu approve, ou consinta os teus delirios:
Nem te deixo partir, nem te acompanho...
Eu não quero roubar a um Pae seu Filho,
Nem tolher a ventura aos Lusitanos,
Privando-os do melhor dos seus Monarchas.
Se os meus rogos ..
ed..... Teus rogos são inuteis:
Que! Recusas, Ignez, acompanhar-me?..
Ah, não vês n'estes sitios horrorosos
Girar em torno a nós a morte, e os crimes!
n.—E' para os evitar que eu te não sigo.
A honra, a gloria valem mais que a vida.
Entre os crimes, e a morte, a morte escolho.
Mas ah! porque tão proxima a divisas?
Decretou-m'a teu Pae? Nada me encubras:
Sabe elle já que em vinculo sagrado...
ed—Tudo lhe revelei: mas o tyranno,
Fingindo não poder acreditar-me,
Orgulhoso, tenaz em seu capricho,
Ameaçou-me... que horror! com teu supplicio;
E, para a seu sabor poder julgar-te,
Em segura prisão manda encerrar-me
No proximo castello. E' pois forçoso...

Ign. — Obedecer-lhe, sim.
Ped. . . . . . Obedecer-lhe ?
Ign. — Indispensavel é, vai, caro Esposo;
Submisso aos Paternaes Regios preceitos,
Eu t'o rogo, Senhor, á prisão corre.
Outro meio não tens para salvar-me;
Nem eu por outro meio a vida quero.
Outra vez t'o asseguro, eu não te sigo;
Jámais conseguirás. . .
Ped. . . . . . Basta: não queres
Estes sitios deixar? Queres vêr n'elles
Derramados por mim rios de sangue?
De uma austera virtude enthusiasmado
Ao parricidio, em fim, queres forçar-me?
Pois bem, a perpetral-o estou disposto.
Eu vou, sim, eu vou já. . .
Ign. . . . . . Cruel; detem-te:
Meus gemidos, meu pranto já não podem
Mover-te o coração, domar-te as furias?
Onde o Imperio que Ignez tinha em tua alma?
Ped. — Não te cances, debalde são agora
Teus rogos, o teu pranto, os teus gemidos:
Este dia horroroso é consagrado
A' desesperação, ao crime, á morte.
Inflammado em meu peito, só com sangue
Das furias o tição póde apagar-se.
Impedir ninguem póde, nem tu mesma,
Os golpes espantosos, que o meu braço
Vai já descarregar.
Ign. . . . . . Por mim começa:
Rasga-me o coração, da Esposa o sangue
Seja o primeiro sangue que derrames:
E se elle não bastar a saciar-te,
Aos sacrilegios todos te arremeça. . .

Que horror! Nem ouso em ti fitar os meus olhos.
E's tu? Não, tu não és o meu Esposo;
O meu Esposo detestava os crimes:
Eu amava um Consorte virtuoso; .....
Virtudes já não tens, já te não amo.
Vai, monstro sanguinario... Mas que disse?
Eu deixar de te amar? Não me acredites:
O terno coração desmente as vozes,
Que a meu pezar, de ouvir-te horrorisada,
Sem tino proferi... Olha o meu pranto (1).
Abatida a teus pés, co'elles me abraço...
Ou tu has de ceder aos meus lamentos,
Ou vêr-me aqui morrer, e aos pés calcar-me.
ed. — Oh Ceos!.. Querida Esposa (2).
gn. ..... Eu não te deixo,
D'aqui me não levanto, sem primeiro
De tua alma banir as negras furias;
Sem que tu me promettas obediente
Ir subito cumprir as regias ordens.
Ah! se tu amas inda as minhas preces,
Não has de resistir...
ed ..... Nem já resisto (3).
Deixar de obedecer-te, ah, quem, quem póde!..
Para a prisão já parto. (4) Amigo, vamos (5).
Poderás duvidar inda no imperio
Que em meu coração tens?
gn. ..... Oh Deos! Conforto (6)!

---

(1) Prosta-se, e abraça-se com os pés de D. Pedro.
(2) Enternecido, querendo levantar D. Ignez.
(3) Levanta D. Ignez.
(4) A D. Sancho.
(5) Voltando-se para D. Ignez, e com a maior ternura.
(6) Voltando-se ternissimamente.

Não me retalhes mais o peito afflicto (1).
A' tremula razão ceda a ternura;
Não te demores mais...
Ped..... Mas tu...
Ign..... Socega;
Nada temas por mim: o Ceo me inspira
Os meios de abrandar de Affonso as iras.
Irei c'os filhos a seus pés prostar-me:
Ninguem resiste á voz da natureza:
Por mais duro que seja o seu caracter,
Se tem um coração, ao vêr os Netos
Abraçados em mim, chorar comigo,
Não poderá deixar de commover-se,
De perdoar-me em fim; nada receies.
Adeos, Esposo, adeos (2).
Ped..... Ceos! que supplicio!

ACTO QUARTO.

SCENA I.

COELHO, E PACHECO.

Coel. — Vão decidir-se em fim nossos destinos:
Este o dia arriscado, em que a Fortuna
Segura mão nos dá, ou nos despenha:
Ou morre Ignez de Castro, ou nos perdemos.

---

(1) Affectando tranquillidade.
(1) Muito a seu pezar precipitadamente se retira.

Resolutos a tudo, é necessario
Os p'rigos affrontar; deve um Valido,
No cume da grandeza vigilante,
Aos adversarios seus tramando a ruina,
Primeiro que o derrubem, derrubal-os;
O futuro prever, prever a intriga,
E destro em conhecêl-a, e manejal-a,
A vida antes perder que o valimento.
Nosso plano até qui tem produzido
O desejado effeito. Affonso irado,
O Principe em prisão, tudo parece
Prometter-nos um exito ditoso.
Tens tu já prevenido, alliciado
Os poucos Conselheiros, que nos restam?
Constantes votaram de Ignez a morte?

Pach. — Apenas lh'o propuz, m'o asseguraram;
Dependentes de nós em gráo mais baixo,
A um leve acêno autómatos flexiveis,
Eccos da nossa voz, a nosso grado
Amoldando-se a tudo, a tudo prestres,
Servir nossos caprichos tem por gloria
Entre todos D. Sancho unicamente
Velho estoico, singelo em demasia,
Que as honras, e os empregos menoscaba,
Poderá combater nossos designios;
Mas Alvaro Gonçalves, que se int'ressa
Igualmente que nós d'Ignez na morte,
Se incumbio de sondal-o, e persuadil-o.

Coel. — Desnecessario é, que, encarregado
Da guarda de D. Pedro, elle não póde
Ao Conselho assistir. Nada mais resta
Do que azedar a cólera de Affonso,
Dar-lhe a beber na taça da Justiça
Adoçado veneno, que o perturbe,

E a voz da compaixão d'alma lhe afaste.
Convém não perder tempo: aproveitemos
Propicia occasião, que fugir póde;
Vamos...

Pach. (1) — Espera...

Coel...... Que! tu desfalleces?

Pach. — Confesso que algum tanto perturbado
O coração não sei que me annuncia...
Calculemos melhor sobre o futuro.
Inda mesmo suppondo inevitavel,
Suscitada por nós, de Castro a morte,
E' de temer que o Principe ferido
Na parte mais sensivel da sua alma,
Raivando enexoravel, desesp'rado,
Sobre nós descarregue atroz vingança.
Quem poderá soster?...

Coel...... Tarde receias:
Nas bordas já do aberto precipicio,
E' preciso transpôl-o, ou cahir n'elle:
Retroceder o passo não podemos.
Assaz já sabe o Principe quaes sejam
As nossas intenções, nossos conselhos;
Seu odio contra nós é já sobejo.
Que lucraremos pois, se ora cobardes
Da começada empreza desistir-mos?...
Apressar nossa ruina, exacerbal-a?
Se foi razão bastante a conspirar-nos
Contra a vida de Ignez, justo receio
De vêr um dia alçada sobre o Throno.
A Irmã de nossos feros inimigos,
Que em nosso damno então fartar podessem
A perpetua aversão que nos juraram;

---

(1) Pensativo.

Se a nossa ruina assim era infallivel;
Quanto mais o será tendo attrahido
Do Principe o rancor!... Proseguir firmes
E' sómente o recurso que nos resta.
Morta Ignez, com o tempo talvez possa
O Principe, esquecendo-a, sujeitar-se
Ao consorcio, que Affonso lhe prescreve,
E, apagada a paixão, vêr-nos sem odio.
Ou victima talvez d'amor infausto,
De saudades mirrado, não podendo
Sobreviver a Ignez idolatrada,
D'Ignez á sepultura a dôr o arraste.
Affonso ha de entretanto defender-nos,
E se acaso abortarem finalmente
Nossos designios todos, então mesmo
Não me hei de arrepender de os ter forjado:
Antes quero morrer, inda o repito,
Do que ser por meus émulos calcado,
Contemplados Irmãos d'uma Rainha.

Pach. — Sentimentos iguaes me fervem n'alma;
Eia, tudo se arrisque; prosigamos:
Descarregue-se o golpe derradeiro,
Inda que, errando-o, sobre nós desfeche.
Eu parto a congregar os Conselheiros,
Segurar inda mais todos os votos;
E tu no emtanto ao Rei procura, e move,
Sua cólera atiça; que eu não tardo,
Juntos os do Conselho, a vir chamal-o.

Coel. — Bem: não poupes promessas, nem t'esqueça
Desculpar ante o Rei sempre a D. Pedro,
Fazendo recahir de seus arrojos
Sobre Ignez tão sómente a culpa toda.
Affonso para aqui dirige os passos...
Não percas tempo, vai.

SCENA II.

D. Affonso (1), e Coelho.

Af..... Crueis remorsos!
Horroroso castigo de meus crimes!...
Que tropel de afflicções, que acerbos males
Vem funestar o resto de meus dias!...
Infeliz Pae! .. Monarcha desgraçado!
Coel. — Releva-me, Senhor, que ouse, pungido
Da dôr, em que o meu Rei veio abysmado,
Recordar-te que deves mitigal-a.
Tua vida, Senhor, não é só tua,
Do teu Povo é tambem: ah não, não queiras
A' força de afflicções abreviar-lh'a.
Sei quanto custa a um Rei ouvir blasfemias
De um filho, que feroz o não respeita;
Mas deves ponderar que um tal arrojo
Tão desculpavel, é, quanto é violenta
A funesta paixão, de que instigado
Teu filho, a teu pezar, o perpetrára;
Delicto involuntario...
Af..... O seu delicto
Não é só filho da paixão que o céga:
Força maior o arrasta aos sacrilegios:
Mais que o seu impio arrojo, o que me afflige,
E' vêr que assaz mereço um tal castigo,
Das maldições celestes justos effeitos.
Oh remorsos crueis!... Era forçoso

(1) D. Affonso entra na Scena pensativo.

Que um filho de tal Pae fosse rebelde.
Mais do que elle rebelde, filho ingrato,
Eu fui, eu fui tambem... Ardendo em furia
Atrevi-me, que horror! a tomar armas
Contra Diniz meu Pae: movi-lhe a guerra,
Sublevei-lhe os Vassallos, assolei-os;
Cavei-lhe assim feroz a sepultura;
Todas as leis calquei da Natureza,
A Natureza agora quer vingar-se.
De um Pae, que contra o Pae se revoltára,
E's, sim, filho rebelde, és digno filho!
Mais me soffreu Diniz do que eu te soffro;
Mas tu has de igualar meus attentados,
Inda os has de exceder; talvez já tardas!
Nem vós podeis, ó Ceos, jámais impunes
Sacrilegios deixar tão execrandos.
Dos Avós implacaveis vingadores
São por justo castigo, quasi sempre
Máos filhos os do Pae, que foi máo filho.
Diniz! Grande Diniz! Sombra iracunda!
Terrivel sombra, que ante mim voltêas!
Sobre a minha cabeça criminosa,
Por mão do ousado neto, descarrega
O já tardio, merecido golpe...
Ah! Sim... bem vejo... ameaçador me apontas
O tremendo futuro, que m'espera...
Que flagello! Que horror! Que mar de sangue!...
Tristes Vassallos meus! Ah Filho! Filho!
Suspende...
Coel..... Que delirio te arrebata?...
Teu grande coração sentir não deve
Remorsos, que aos malvados só competem:
Passadas, leves faltas não recordes;
Males não temas, que atalhar bem pódes.

Af. — Porque não vens, ó morte, alliviar-me
Do pêso da existencia, e de meus crimes!
Coel. — Que seria de nós, se os Ceos te ouvissem?
Em desordens submerso, desolado,
Comtigo Portugal acabaria.
Os clamores escuta do teu Povo,
Conserva-lhe o seu Rei; tão necessario
A teus tristes Vassalos jámais foste:
De mil calamidades ameaçados,
Só lhes póde valer tua justiça.
Af. — E como? De que modo evitar posso
Desordens, que a mim mesmo me soçobram?
Coel. — Do mal a causa extincta o mal expira;
Extingue a causa pois de tantos males:
Em quanto existir Castro, que os fomenta,
Debalde intentarás dar-lhe o remedio.
Af. — Que dizes? Condemnar Ignez á morte?
Tão graves são seus crimes, que mereçam...
Coel. — Os seus crimes, Senhor... Ah! por desgraça,
Nunca o Mundo vio crimes que brotassem
Tão funestas, horriveis consequencias:
Desnecessario julgo referil-as;
Tu bem as sabes, pois assaz te affligem.
Do Principe ardilosa seductora,
Se teu filho é rebelde, se é blasfemo,
Quem, senão ella, o fórça aos sacrilegios!
Não vacilles, Senhor; o seu supplicio
Chega a ser, mais que justo, indispensavel.
Mas não basta o que eu digo a condemnal-a:
Tens melhores, mais Conselheiros,
Que juntar já mandaste; ouve os seus votos:
Que se elles zêlo igual ao que me inflamma,
Por ti, pelo bem público, tiverem,
Hão de todos unanimes rogar-te,

Que o supplicio de Ignez logo decretes;
Pintar-te co'as mais negras, proprias côres
De Portugal a ruina, se o dilatas;
As dissensões crueis, a horrivel guerra,
Que a vingativa Hespanha vai mover-nos,
E de que os teus Vassallos, fatigados
Das recentes batalhas, já murmuram.
A Viuva, que o Esposo perdeu n'ellas,
Não quer perder agora o caro filho,
Nem o filho, que em lucto inda o Pae chora,
Desamparando a Mãe, expôr-se á morte.
Finalmente, Senhor, tudo te brada
Que sacrifiques uma a tantas vidas;
Que deixes ao futuro eterno exemplo,
Para que ninguem mais seduzir ouse,
A' imitação de Ignez, corações Regios.
Af. — Se assim o exige o público socego,
O Conselho decida o que fôr justo,
Que eu afflicto não sei o que obrar deva.
Coel. (1)—Que vejo! Ignez!... E' muito! Inda se atreve
A vir apparecer-te?.... Ah, melhor fôra
Retirar-te, Senhor, sem dar-lhe ouvidos.
Af. — Vamos, sim... Porém não, devo escutal-a.
Coel. — Talvez os do Conselho já te esperem.
Af. — Vai tu juntar-te a elles, que eu não tardo.

SCENA III.

D. Affonso, Ignez, Elvira, e os meninos.

Ign. — Chegai, filhos, chegai, vinde prostrar-vos
Aos pés de vosso Avô; vinde beijar-lhe

(1) Avistando Iguez ainda fóra da Scena.

Pela primeira vez a Mão Augusta (1).
Eis, ó Senhor, os filhos de teu filho,
Que vem com tristes lagrimas rogar-te,
Que d'esta triste Mãe te compadeças.
Chorai, chorai comigo, tristes filhos,
Intercedei por mim com vosso pranto,
Pranto mais expressivo do que as vozes,
Que a vossa tenra infancia nos permitte:
Ajudai meus lamentos, minhas preces,
Impetrai meu perdão. Sim, Rei clemente,
Eis a Mãe desgraçada de teus Netos,
Que abraçada com elles te supplica,
Que a misérrima vida lhe conserves.
Sei que vai decretar-se o meu supplicio!
Alvo da intriga, victima da inveja,
Temerosa, infeliz, desamparada,
A morte já diviso, a injusta morte,
Que raivosos, tyrannos Conselheiros,
Illudindo a piedade de tua alma,
Fulminam contra mim... Que atrocidade!...
Porque enormes delictos sou punida?...
Amar, Senhor, teu filho, ser amada,
Crime acaso será digno de morte?
Imploro, ouso attestar tua justiça.
Ah! Consulta, Senhor, tua clemencia,
Teu coração consulta, que elle mesmo
Te ha de dizer, que a morte não mereço.
Af. — Levanta-te infeliz (2)... Oh Natureza (3)!
Oh de um Monarcha rigidos deveres!...

---

(1) Prostra-se com os meninos aos pés de Affonso, e Elvi se retira.

(2) Enternecido.

(3) Vai abraçar os netos, volta o rosto afflicto, e exclama.

evanta-te, infeliz (1). Funesta origem
as crueis afflicções que me consternam...
o vêr-te me enfureço... e me commovo...
Pae quer perdoar-te... o Rei não póde.
.— Ah Senhor! Perdoar aos desgraçados
' dos Reis o poder mais dôce, e augusto:
im, do teu coração segue os impulsos,
riumphe a compaixão, e a natureza,
ão te has de arrepender por ser piedoso;
ntes porém, se á morte me condemnas,
ão de eternos remorsos flagellar-te,
ncessantes angustias consumir-te:
e Portugal a gloria, as esperanças
ão sobre a minha campa espedaçar-se.
erás por ti mandado á sepultura
omigo, a teu pesar, descer teu filho.
latando-me, Senhor, ah, vê que o matas!
s nossos corações unidos ambos,
ão ligados estão, que o mesmo golpe
ue retalhar o meu, traspassa o d'elle;
xistir um sem outro não podemos...
or elle, e não por mim t'imploro a vida.
m (2), de rojo outra vez torno a abraçar-me
om tuas Regias Plantas. Tem piedade
a Esposa de teu filho. Ah, se não fossem
stas dôces prisões, que me constrangem
viver infeliz, e amar a vida,
onge de instar por ella, sempre queixar-me,
ranquilla recebêra o fatal golpe...
las deixar para sempre o mais que amo!...

---

1) Levanta Ignez.
2) Prosta-se outra vez aos pés do Affonso.

Sou Esposa, sou Mãe... Ceos! Desfalleço (1)
Queridos filhos... Desgraçados orphãos!...
E que será de vós quando vos falte
A mais terna das Mães, o Pae mais terno!...
Ah Senhor! Se inflexivel ao meu pranto,
A minha situação te não commove,
Presta ouvidos á voz da Natureza:
Mova-te a compaixão, o desamparo
D'estas victimas tenras, e innocentes:
Elles culpas não teem dos meus delictos.
Não te lembres, Senhor, que são meus filhos;
Ah, não: lembra-te só, que são teus netos...
Mas tu choras? Que vejo! Os Ceos me ouvirá
Tuas lagrimas vem em meu soccorro,
Ellas o meu perdão já me annunciam.
Acaba de extinguir os meus temores,
Dize, dize, Senhor, que me perdôas.
Af. — Não posso resistir... Oh quem podéra
N'este instante deivar de ser Monarcha!

SCENA IV.

D. Affonso, Ignez, seus filhos, e Coelho (2)

Coel. — Por ti, Senhor, se espera: vem, não tard
Que já começa o povo a amotinar-se.
Ign. — Oh Deos! Eu morro!
Af. ..... Ignez, não desesperes.
Inflexivel não sou; meu pranto o affirma;
Mas não posso faltar aos meus deveres;
Não sou senhor de mim, tenho Vassallos;

(1) Abraça os filhos com a maior ternura, e afflicção.
(2) Ignez, apenas avista Coelho, levanta-se atemorisada.

Perante elles, perante os Ceos, e a Terra,
De tudo quanto obrar sou responsavel;
Despotico não sou; mas sou piedoso.
Tens Affonso por ti, n'elle confia:
Ao Conselho d'Estado vou eu mesmo
Tua causa advogar. Ceos, inspirai-me.

SCENA V.

IGNEZ, E SEUS FILHOS.

Ign. — Debalde seductoras esperanças
Por mais tempo illudir-me já não podem.
O coração me augura que é chegado
De meus dias o terno desastroso.
Sim, proximos estaes, queridos filhos,
A perder vossa Mãe... vinde a meus braços...
Em breve... ai triste!.. em breve hão de faltar-vos
Os maternaes, ternissimos afagos...
Para sempre vos deixo... para sempre...
Cruel separação!... dôr insoffrivel!...
Horrorosos momentos! Ceos!... Nem posso;
Nem me atrevo... ai de mim! a vêr meus filhos:
Quanto mais os contemplo, mais me afflijo...
De todo sinto já faltar-me o alento...
O coração rebenta... que anciedade!...
Ah! parece que a morte... ella já chega...
A descarnada mão... que horror! Espera...
Suspende, ó Morte... deixa que primeiro...
Meus filhos onde estão?... Quero inda vêl-os...
Crueis, não m'os roubeis... Antes que morra,
Ao menos uma vez quero abraçal-os...
Quem se atreve a arrancal-os de meu peito?...
Ah barbaros!... Meu sangue... Esposo? Esposo?

Onde estás, que não vens em meu soccorro!...
Mas em vão... Já é tarde... a sepultura...

SCENA VI.

IGNEZ, SEUS FILHOS, E ELVIRA.

Elv. — Que vejo, oh Deos! (1)
Ign...... Abertos os abysmos... (2)
Elv. — Ignez... (que mágoa!) Ignez ..
Ign ..... Que!... Quem me chama?...
E's tu, Constança. E's tu, que vens ainda
Da habitação da morte perseguir-me?
Elv. — Torna, Senhora, em ti... Já não conheces,
Não vês a triste Elvira?...
Ign...... Quem!... Elvira...
E's tu? Aonde estou?... Ah, que me queres?
Elv. — Mitigar tua dôr, chamar-te á vida.
Os alentos recobra, as esperanças:
Serás inda feliz, verás em breve
Trocados em prazer os teus pesares.
Ign. — Prazeres para mim!... ah!...
Elv...... Que! Não viste
As lagrimas do Rei, que o teu indulto
No enternecido aspecto promettia?
Ign. — Qual quimerico indulto!... Nada esperes:
Que importam suas lagrimas, que importa
Que perdoar-me queira, se o rodeam
Vis Cortezãos, escandalo do Throno,
Algozes da innocencia, féros monstros,
Sedentos do meu sangue, que ardilosos

---

(1) Corre para Ignez.
(2) Delirante ainda.

Seu coração benigno senhoream?
Elvira, a minha morte é infallivel;
Pouco póde tardar! antes que chegue,
Toma, toma estes orphãos innocentes,
Conduze-os á prizão ao meu Esposo;
Entrega ao triste Pae os tristes filhos,
E dize-lhe que Ignez... Mas ah, que faço?...
Retalhar quero do consorte o peito?
Co'a noticia fatal da minha morte
O mortifero golpe antecipar-lhe?...
Ah, não; bem basta que de dôr expire
Quando entrar n'esta lugubre morada,
Onde, chamando em vão a extincta Esposa,
Tristes eccos sómente lhe respondam;
E tintas as paredes do meu sangue,
Luctuosos vestigios da consorte
A cada passo espavorido encontre.
Então, Elvira, então é que eu te rogo
Lhe digas (1)... Ah, parece que ouço passos...
Serão talvez meus barbaros verdugos...
Que cheios de furor, ardendo em raiva
Venham cevar-se no meu sangue?... Ai triste!...
Eil-os que chegam... não m'engano... Elvira!
Vamos na minha Camara encerrar-nos:
Lá melhor poderei recommendar-te
O que exijo de ti; sim, vamos, filhos,
Quero morrer ao menos junto ao leito,
Que tem sido até agora testemunha
D'envenenados, rapidos prazeres,
Dos continuos remorsos do meu crime,
Das minhas afflicções, e do meu pranto.

---

(1) Olhando atemorisada em volta da Scena.

ACTO QUINTO.

SCENA I.

D. Affonso.

Que afflicção, que tumulto n'alma sinto!
Vacillante, confuso, attribulado,
Mal posso respirar. Ceos! que tormento!
D'um lado a compaixão, d'outra a Justiça.
Formidavel Justiça! Em fim venceste.
Satisfeito estarás, dever tyranno...
O supplicio de Ignez... Oh Deos, e pude,
Tremendo, subscrever da sua morte
A rigida sentença!.. Eu me horroriso:
Dentro em meu coração queixosas sinto
Bradar a compaixão, e a natureza...
Que! surdo á sua voz, consentir devo,
Que á morte, a meu pesar, severamente
Seja a Mãe de meus Netos condemnada?
E porque crimes? Por amar meu Filho?
Ah, não: é tempo ainda; revoguemos
A sentença cruel... Porém que faço?...
O público socego, o bem do Estado,
O popular clamor, o exemplo, tudo,
Tudo em fim contra a triste me constrange,
E me estorva o prazer de perdoar-lhe.
Ah, dura condição! Pezado Sceptro,
E haverá quem dos Reis inveje a sorte?

Tormentoso lugar, terrivel Solio,
Assento d'afflicções, e de amarguras;
Desgraçados aquelles que te occupam!

SCENA II.

D. Affonso, e D. Sancho.

Sanc. — Ah Senhor! Se teu filho inda te é caro,
Se não queres privar os Lusitanos
Do herdeiro Augusto de teu Throno, e gloria;
Não percas tempo, evita, remedeia
A desesperação que o assassina.
Eu conter já não posso os seus transportes,
Nem vêr as afflicções que o despedaçam:
Umas vezes convulso, delirante,
Scintilando furor, accêso em raiva,
Morde, intenta romper os duros ferros
Da prizão, que o retem; blasfema, e brama:
Consternado outras vezes, abatido,
Em profundo lethargo, entre agonias,
Os olhos razos d'agua, o peito anciado,
Succumbe á sua dôr, cahe, desfallece.
Eis que subito agora por mim chama:
« Vai, amigo, (me diz) corre apressado,
« Saber da minha Esposa, e de meus filhos.
« Certamente os perversos Conselheiros
« Ousaram conspirar contra os seus dias:
« Ah, procura meu Pae, por mim lhe falla;
« Por mim de Ignez o indulto lhe supplica;
« O estado em que me vês lhe representa;
« E se elle persistir inexoravel,
« Protesta-lhe por mim...» Ah! nem me atrevo
A referir-te...

Af..... Basta: não augmentes
A minha confusão: oh Deos!
Sanc..... Perdôa:
Tu silencio me impões; mas eu não posso,
Não posso obedecer-te; o grande risco,
Em que os dias do Principe contemplo,
O amor que lhe consagro, não permittem
Que eu cesse de clamar-te que perdoes
A' miseranda Ignez, de cuja vida
A vida de teu filho está pendente.
Ignez já agora é de D. Pedro Esposa...:
E até digna de o ser. Não acredites
Damnados corações; que seus contrarios,
D'inveja, d'ambição, de rancor cheios,
Intentam denegrir o seu caracter.
Vê, meu Rei, que te illudem: crer-me deves,
Por meus labios fallou sempre a verdade.
Ignez uma alma tem singela, e nobre,
Sensivel de sobejo, a amar propensa:
Não pôde resistir a amar teu filho:
Seu delicto é só este, não tem outros;
D'outros não é capaz, e um tal delicto,
Quando tantas virtudes o acompanham,
E' digno de perdão, é desculpavel (1).
Perdôa-lhe, meu Rei, não diga o Mundo,
Que inflexivel, severo em demasia,
Nem de teu filho á Esposa perdoaste.
Af. — (2) Não, não ha de dizer. (3) Oh lá, D. Nuno! (4)
Deixar eu de ser Pae por ser Monarcha?...
Ah! Não.

---

(1) Prostra-se aos pés de D. Affonso.
(2) Depois de pensar um pouco.
(3) Chamando para dentro da Scena.
(4) Comsigo mesmo.

SCENA III.

D. Affonso, D. Sancho, e D. Nuno.

Nun. ..... Que determinas?
Af. ..... Apressado
Parte em busca de Ignez; aqui m'a envia;
E aos duros Conselheiros participa,
Que a sentença revogo; a Ignez perdôo.
Sanc. — Graças, benigno Rei!...
Nun. (1) ..... Oh feliz Castro!
Já proxima ao sepulchro á vida tornas.

SCENA IV.

D. Affonso e D. Sancho.

Sanc. — Que escuto! A' morte já sentenciada!..
Af. — Longe de nós lembrança tão funesta.
O Principe vai pôr em liberdade:
Que me venha abraçar; Ignez é sua.
Sanc. — Que jubilo! (2) Ah Senhor! Deixa que eu banhe
Tua mão generosa com meu pranto,
Suave pranto, que o prazer me arranca (3).
Eu vou... Sim: a alegria azas m'empresta:
Vou levar a D. Pedro a feliz nova,
Restituir-lhe vou a paz, e a vida.

---

(1) Partindo.
(2) Prostra-se, e beija a mão do Rei.
(3) Levanta-se.

SCENA V.

D. Affonso.

Oh mil vezes feliz todo o que póde
Venturosos fazer os desgraçados! .
Desafogado o coração já sinto...
Um Rei sómente é Rei quando perdoa.
Minha alma d'antemão já saborêa
O jubilo de Ignez, e de meu filho,
D'um, e d'outro os abraços, os transportes,
A innocente alegria de meus netos...
Delicia dos mortaes, oh Natureza!
Cedam ás tuas leis as mais leis todas.

SCENA VI.

D. Affonso, e o Embaixador.

Emb. — Condoido, Senhor, da infeliz Castro,
Releva que eu me atreva a supplicar-te,
Que a decretada morte lhe perdôes:
Eu sei que a teu pesar foi condemnada,
Satisfação que dás ao meu Monarcha,
Quando elle certamente, persuadido
Da tua fidelissima amizade,
Não quererá, Senhor, que lh'a confirmes
Com o sangue de Ignez, que inda é seu sangue.
Atrevo-me em seu nome assegurar-t'o,
Rogando-te pratiques generoso
A piedade que é propria da tua alma.

— Muito folgo de vêr teus sentimentos
'ão conformes aos meus; sim, eu espero,
ue o teu Rei me não culpe de piedoso.
Ignez já perdoei; fiz mais ainda;
econheci-a de meu filho Esposa.
ão me atrevo a romper o nó sagrado,
m que Hymenêo, e Amor os enlaçava,
gnorando por mim, quando sincero
Tractado firmei, que promettia
om Beatriz de meu Filho os Desposorios.
eves pois ao teu Rei fazer sciente,
as razões poderosas que os estorvam;
por mim segurar-lhe ao mesmo tempo
onstante, inalteravel amizade.
. — Teu leal proceder, as razões todas
ue a decidir assim te constrangeram,
he exporei fielmente, e não duvides
ue tal resolução lhe agrade, e a louve.
— Dictou-m'a o coração, e de abraçal-a
ão me hei de arrepender: nunca a piedade
ôde manchar as purpuras; se o Mundo
e Bruto inda com pasmo escuta o nome,
ais saudoso de Tito o nome adora.
orém que vejo!.. oh Ceos?.. D. Nuno em pranto...

SCENA VII.

Os ditos, e D. Nuno.

. — Oh fereza!.. oh desgraça!...
..... Que acontece?...
. — A dôr, e o pranto as expressões me tolhem...
eguei tarde, Senhor... Ignez...

Af..... E' morta?...
Nun. — Brevemente o será.
Emb..... Oh Deos!...
Nun..... ..... Debalde
A' misera e mesquinha perdoaste:
De seu preclaro sangue sequiosos,
Os Ministros crueis se anteciparam...
Af. — Oh detestaveis, sanguinarios monstros!
E podestes... acaba.
Nun..... Mensageiro
Da piedosa faustissima noticia,
A' Camara de Ignez veloz caminho;
Pouco distante já de seus lamentos
Parece que as abobadas gemiam:
Accelero inda mais ligeiros passos,
E ao tempo que os crueis descarregavam
Sobse o peito d'Ignez os duros golpes,
Entro... (que horror!) perdão, perdão, exclamo;
A' palavra *perdão* os impios tremem,
E até da mão os ferros lhes cahiram:
Em vão porém; que o sangue já corria.
Serviram só meus gritos de que fosse
A ferida talvez menos profunda.
Então Coelho, e Pacheco, estatuas ambos,
Como espantados do seu crime horrendo,
Sem proferir palavra largo tempo,
Olhando um para o outro espavoridos,
Apenas a final dizer poderam:
« Não ha mais que um recurso; eia, fujamos;
E subito os crueis desapparecem.
Ignez desfallecida, mal ouvíra
Que tu lhe perdoáras, levantando
As mãos aos Ceos, e os macerados olhos,
Mil vezes te bemdiz, por ti mil vezes

Aos Ceos envia fervorosas preces.
Cheia de gratidão, inda o seu rosto
Entre as sombras da morte parecia
Que ao proferir teu nome s'alegrava;
Em quanto as tristes Damas, que a rodêam,
O sangue de seu peito estancar buscam,
«Por ultimo favor (lhes diz) imploro,
«Que á presença d'Affonso me conduzam;
«Inda quero ir beijar-lhe a mão clemente,
«E a seus pés expirar agradecida.»
C'os filhinhos ao lado a malfadada,
Buscando-te Senhor, para estes sitios
Já com tremulos passos se encaminha.
Af. — Oh destino!.. Oh fereza!.. Infeliz Castro!..
Filho infeliz!.. Mais infeliz do que ambos,
Atribulado Pae!.. Todos os males,
As furias, as desgraças, e os remorsos
Desde o berço ao sepulchro me acompanham.
Nasci para flagello dos humanos,
Para opprobrio nasci da natureza:
Portugal, dos seus Reis na clara historia,
Chamará com razão ao quarto Affonso
Máo Irmão, Filho ingrato, e Pae tyranno.
O culpado sou eu de Ignez na morte,
Eu que, pelos perversos enganado,
Tarde o grito escutei da humanidade.
Ah! fujamos, fujamos d'estes sitios,
Que a vêr a desgraçada não me atrevo...
Mas ai de mim!... As forças me abandonam:
Eis ella chega... Amigos, soccorrei-me:
Affastai-me d'aqui...

SCENA VIII.

Os mesmos, Ignez, os dois meninos seus filhos, Elvira, e duas Aias (1).

Ign. — Ah!... Não me fujas...
Não me fujas, Senhor... toma os teus Netos...
Para t'os entregar, agonisante,
O maternal amor aqui me arrasta...
Tristes orphãos, adeos... Adeos, meus filhos...
Nas tuas mãos, Senhor, os deposito...
Em teu bom coração abrigo encontrem...
Ampare os seu Avô, já que a Mãe perdem...
Possam elles um dia, de ti dignos,
Dignos filhos do Pae mais virtuoso,
Com virtudes iguaes, egregios feitos,
Compensar-te o perdão, que me outorgaste...
E por ultima graça me concede,
Que inda antes d'expirar meu Pae te chame.
Af. — Chama-me o teu algoz: não queiras dar-me
O doce nome que me não compete:
Bem quizera eu tambem chamar-te Filha...
Mas não me atrevo, não; a Natureza.
Se visse por meus labios profanado
Nome tão deleitoso, estremecêra...
Teu sangue está bradando; tu só deves
O cruel detestar, que te assassina;
Mas bem vingada estás; mais desgraçado
Mil vezes do que tu, mil mortes soffro.
Ah! poupa ao teu verdugo o horror de ver-te
Exhalar d'alma os ultimos arrancos...

(1) As Aias sustentam Ignez, que vem ferida.

Eu vou, sim, porque até minha presença
Deve ser a teus olhos odiosa (1).
Ninguem me siga, ah, não; deixem-me todos,
Fujam todos de mim; quero esconder-me
A todos os viventes, té que possa
Nos abysmos sumir-se para sempre (2).

SCENA IX.

Os mesmos, excepto Affonso.

Ign. — Ah Senhor! . mas debalde; não me attende;
Inda mais este golpe!.. Não me custam
As suas afflicções menos que a morte...
Oh! quantos desgraçados tenho feito!
O triste Pae, o Esposo... Ai! triste Esposo!..
E que será de ti!... Lembrança horrivel!...
D. Nuno, Elvira, confortai-o todos,
A' sua dôr buscai dar lenitivo...
Ah! s'eu podesse ao menos vêl-o ainda...
Morrêra satisfeita... Ceos!... já sinto
A agonia da morte... Filhos .. Filhos...
Quanto a sua presença me consterna!...
Ah! levem-m'os d'aqui... mas para onde?...
Não; chegai, filhos meus... em vossos labios
Quero entornar minha alma... n'elles quero
Deixar a vosso Pae depositados
Meus ultimos suspiros... Ah! são estes...

---

(1) Vai a partir, e vendo que D. Nuno o quer acompanhar, volta-se, e diz:

(2) Parte arrebatadamente.

São estes... Que anciedade! A luz me foge...
Adeos, Filhos... adeos, Esposo... Eu morro (1).
Emb. — Que doloroso trance!

SCENA X.

Os mesmos, D. Pedro, e D. Sancho.

Ped. (2)..... Amada Esposa,
Ignez, querida Ignez, vôa a meus braços,
Vem completa fazer minha alegria (3).
Porém que!... vós choraes! que infausto agouro (4).
Sanc. — Oh Principe infeliz!... Mortal angustia!
Afastai-lhe da vista a extincta Esposa (5).
Ped. (6) — A Esposa!.. Onde está ella? Ide chamar-m'a.
Nun. — Ah! Senhor!...
Ped...... Não tardeis, ide chamar-m'a.
Eu mesmo, eu mesmo vou... Ignez, Esposa! (7)
Emb. — A extrema dôr o priva dos sentidos.
Nun. — A tua Esposa... oh Deos! já não existe.

---

(1) Cahe, e espira nos braços das Damas.

(2) D. Pedro entra na Scena cheio de alegria, sem vêr o cadaver de Ignez.

3 Vendo chorar D. Nuno, e o Embaixador, que estão defronte do cadaver de Ignez.

4 Olha para traz, dá com olhos em Ignez morta, quer correr a ella, recúa espavorido, e cahe desfallecido nos braços de D. Sancho, e do Embaixador.

5 Elvira, e as Aias retiram da Scena Ignez, e os Meninos, acompanhados de D. Sancho.

6 Em delirio.

7 Convulso, quer caminhar, e não póde.

Ped. — E' morta? Injustos Ceos! Clarão terrivel (1)
Ah! Sim, eu mesmo a vi... horrida imagem!...
E tornarão a abrir-se inda os meus olhos!
Vi morta a cara Esposa, e vivo ainda! (2)
Espera, espera Ignez, eu te acompanho,
Eu já te sigo, sim... (3) Mas não, primeiro
E' preciso vingar a sua morte.
Quem a matou?... Dizei... talvez... foi elle,
Esse tyranno, que meu Pae se chama?
Nun. — Ah! não, Senhor, teu Pae lhe perdoava,
Mas Coelho, e Pacheco os ímpios foram,
Que...
Ped. — Basta: nada mais (4). Impios são todos,
E eu de todos o sangue beber quero.
Treme, barbaro Rei; cruenta guerra
Eu protesto fazer-te: sim, eu juro
Pelo sangue de Ignez, cujos vestigios
Bradando por vingança alli diviso,
Juro, cruel, do Throno derrubar-te,
E em teu logar, c'roada alçar a elle
A Esposa que me roubas. A meu lado,
Mesmo depois de morta, a bella Castro
Será Rainha, reinará comigo:
Que importa que o seu corpo não respire,
Se a sua alma inda existe unida á minha!
Hão de todos beijar-lhe a mão já fria,
Tributar-lhe as devidas homenagens:

---

(1) Olhando para o lugar onde vira Ignez morta.
[2] Em acção de desembainhar a espada.
[3] D. Nuno. e o Embaixador impedem que D. Pedro desembainhe a espada, e este reflectindo um pouco, diz:
[4] Na mesma furiosa desesperação.

Do seu throno degráos por mim calcados
Os tyrannos serão que a assassinaram:
Seus corações malvados, das entranhas
Eu mesmo hei de arrancar, hei de trincar-lh'os.
A's minhas iras escapar não podem;
Inda que nos infernos vão sumir-se,
Lá mesmo, ardendo em raiva irei buscal-os.
Será tal meu furor, minha vingança,
Que o mundo tremerá de ouvir meu nome:
Por toda a parte se hão de ouvir sómente
Pranto, desolação, e horrores... tantos
Os estragos serão, as mortes tantas,
Que ha de em sangue nadar Portugal todo:
Sangue o Douro, o Mondego, e sangue o Téjo
Hão de, em vez d'agua, despejar os mares;
E os proprios mares arrojar bramindo
Ondas de sangue ás mais longinquas praias.
Eu vou já começar a derramal-o
Oh furias! Oh vingança! Acompanhai-me,
Meus passos dirigi; guiai meu braço (1).
Emb. — Ah Principe, suspende! Mas quem póde
Conter as furias, que lhe lutam n'alma! (2)
Nun. — Que espantoso tropel de horriveis males!...
Oh de cégas paixões funesto exemplo!...
Misero Esposo!... Malfada Castro!...
De quanta compaixão são dignos ambos!...
Muito se amavam, desgraçados foram,
Chore-os o Mundo, e de imital-os trema. (3)

---

(1) Parte furioso arrebatadamente da Scena.
(2) Segue a D. Pedro.
(3) Finda a Tragedia quando não ha coroação.

SCENA XI.

D. Nuno, e D. Sancho (1).

Nun. — Onde corres!...
Sanc. ..... Oh Ceos!
Nun. ..... Novos desastres
Acaso sobre nós envia o Fado!
Sanc. — O nosso Excelso Rei, o invicto Affonso,
Com força de pesar succumbe aos males,
E violenta paixão lhe arranca a vida.
Nun. — Em que montão d'horrores nos abysma
O destino fatal!
Sanc. ..... Oh desventura?
O Principe me ordena que vos chame:
Vinde prestes, D. Nuno; elle turbado
Sente a falta d'um Pae, da Esposa a perda (2).
Nun. — Morreu emfim?.. Morreu! No centro d'alma
Soffro as ancias crueis, a dôr mais ímpia!

---

(1) Impaciente.
(2) Parte.

ACTO DA COROAÇÃO

Para se representar no fim da Tragedia = NOVA CASTRO = *de João Baptista Gomes.*

A lembrança de que muitas pessoas desejam vêr no fim d'aquella optima Tragedia uma Coroação, fez com que se imprisse esta, apesar da falta da unidade que ha, o que fórma um erro Dramatico, que o seu Auctor não desculparia se existisse. — (*Nota do Editor*).

MUTAÇÃO.

Magnifica Sala com Docel, e Cadeira de espaldar no meio do Theatro, em a qual está D. Ignez assentada, e em lugar competente, e magnifico uma Corôa riquissima.

Sahem D. Pedro, D. Sancho, e D. Nuno, Elvira, os dous Meninos, Grandes, e Guardas Reas.

D. Nun.— ESTA é a pompa, Senhor, que a brevidade
Me permittio do tempo.
D. Ped...... Que impiedade!
E' possivel, Ignez, oh dura sorte!..
Quem vida me deu te désse a morte?!
A sacrilega mão, barbara, e fera,

Que o teu sangue verteu no duro effeito
Não cahio com o ferro? Oh quem podéra
Soldar a pura neve de teu peito!
Quem podéra animar-te a luz perdida,
Repartindo comtigo a minha vida?!
Quaes serão os castigos acertados
Que excogite a lembrança d'esta scena
Contra estes deshumanes inimigos,
Sem lei, sem compaixão, e sem respeito?
Farei abrir com golpes mui profundos,
As espadoas a um, a outro o peito;
E a seus mesmos olhos moribundos,
Que viram este Sangue, desejára
Mostrar os carações, que os animára
A tão cruel, e aspera fereza,
Como abortos crueis da natureza
Para monstros indomitos gerados:
Choro, meu bem, a tua adversidade,
E vivo para minha saudade!...

D. Sanc. — Aqui te outorgo a Corôa...

D. Ped ..... De outra sorte
Coroar-te intentei, fiel Consorte:
Mas preferio á gloria a tyrannia!..
E vós, meus caros, meus fieis Vassallos,
Reverentes beijai esta mão fria,
Que beijar devereis n'outro estado,
Se tão impio não fosse o nosso fado.

D. Sanc. — O primeiro sou eu, que esta mão bella
Reconheço da minha Soberana,
Com o respeito que devo a vós, e a ella. *Beija-lh'a.*

D. Nun. — Com minha gratidão, e o meu respeito.
Qual Vassallo fiel, cumpro o preceito. *O mesmo.*

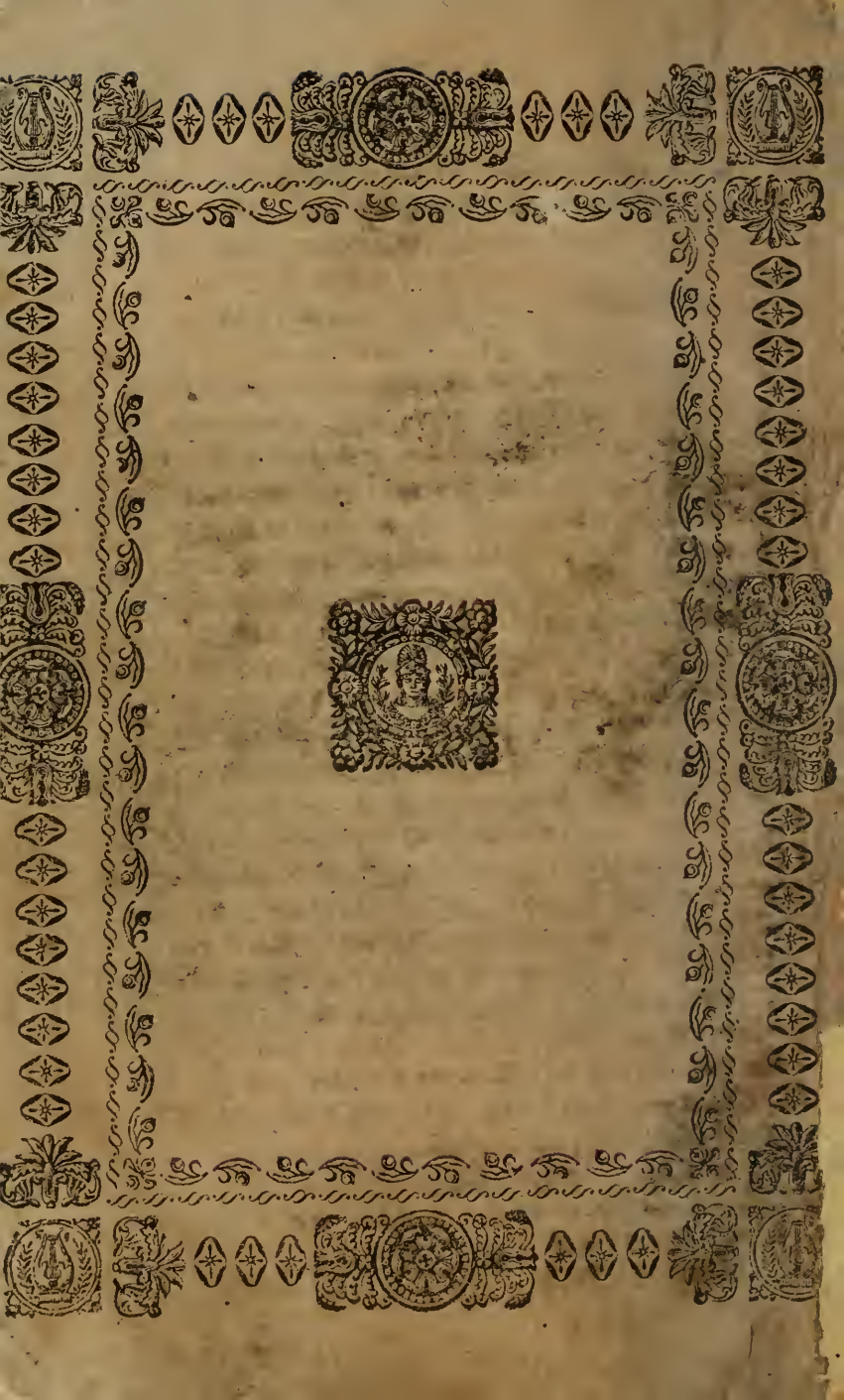
Os Grandes beijam-lhe a mão ao som da musica, e no fim diz:

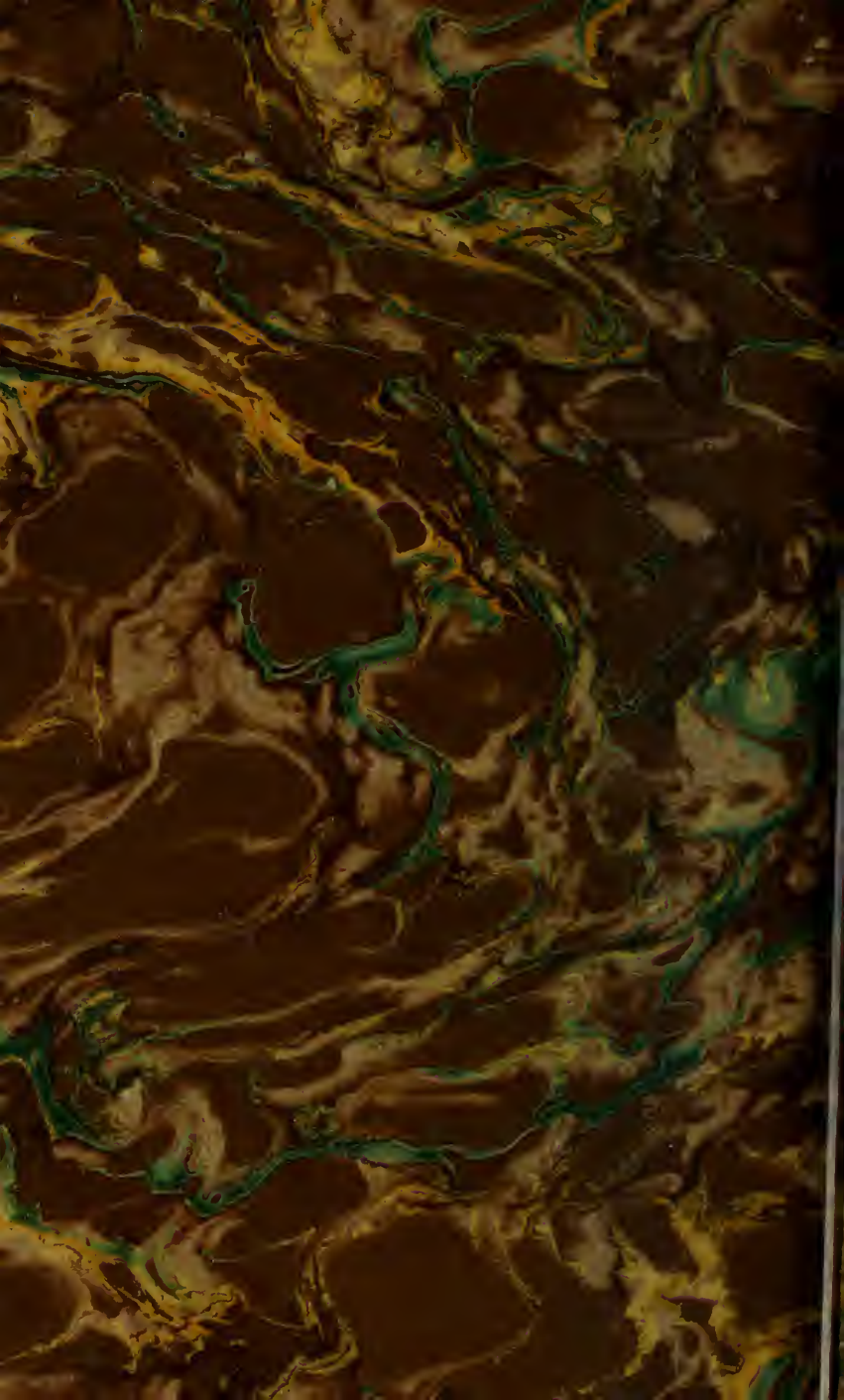
D. Ped. — Esse Corpo gentil desanimado,
Mais na morte que em vida respeitado,
Depressa cobrir faze, Condestavel.

D. Sancho corre as cortinas.

A incumbencia do enterro vos entrego:
Com magestoso fausto veneravel
A levai a Alcobaça, e as estradas
De tochas estarão illuminadas;
E o mesmo esplendor fazer quizera
Se, como dezesete legoas são,
Dezesete mil fossem; pois venera
Tanto minha alma a essa cinza amada,
Que desejo excecer ao magestoso
Aquella maravilha celebrada,
Que Artimizia erigio a seu esposo.
E vós, que ainda apesar do esquecimento,
Recommendaes com pranto merecido
Os amores de Ignez ao sentimento,
E seu nome ao respeito que é devido,
Com verso humilde aqui vos represento
O tragico infortunio desabrido,
Que aconteceu á misera mesquinha,
Que inda depois de morta foi Rainha.

FIM.





PQ
9261
G58N7
1857

Gomes, Joao Baptista
Nova Castro Nova ed. cor.

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 09 001 8